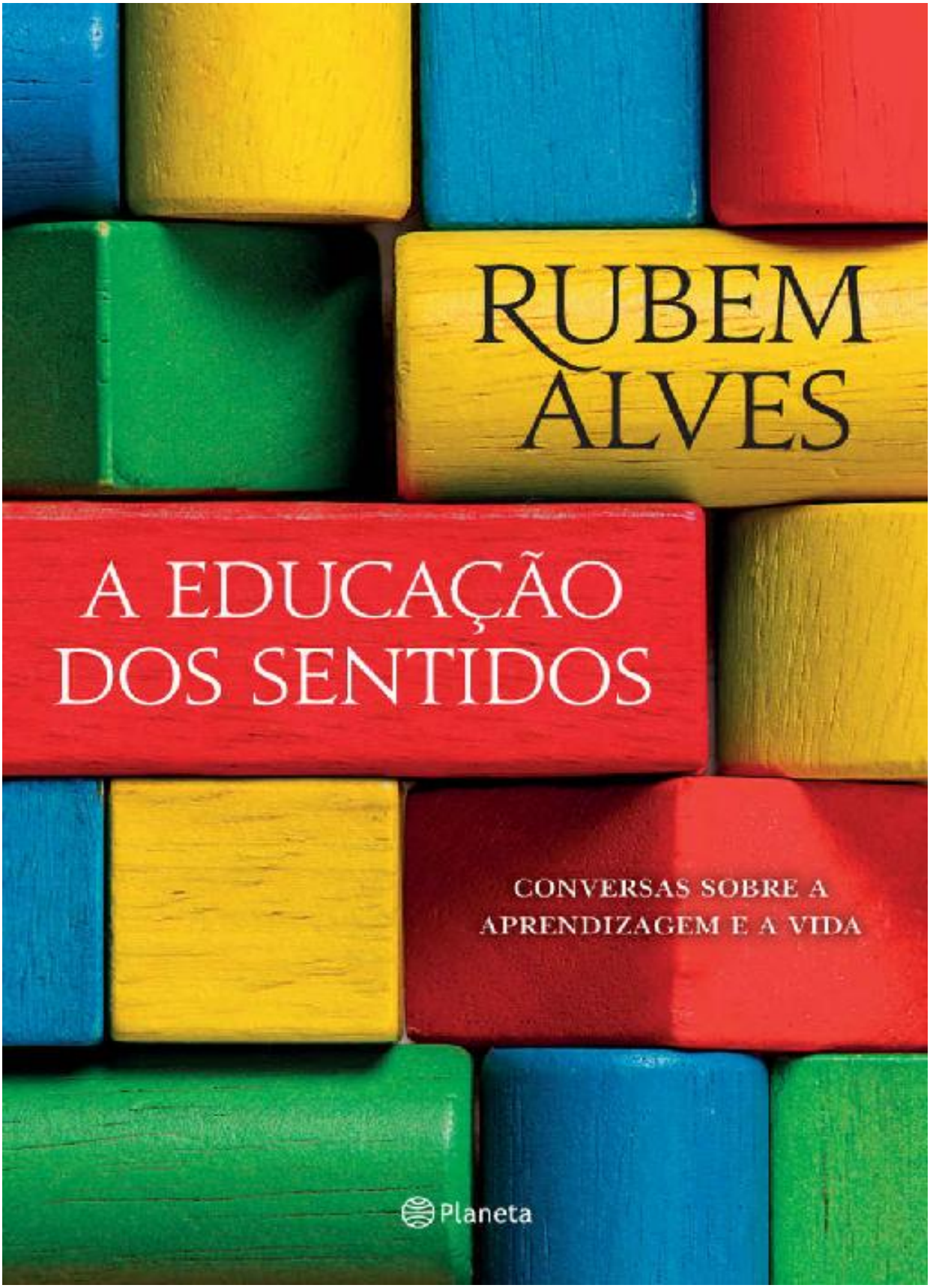

RUBEM ALVES
A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS
CONVERSAS SOBRE A APRENDIZAGEM E A VIDA
Planeta

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS

RUBEM ALVES

A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS

Planeta

Copyright © Rubem Alves, 2005
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018
Todos os direitos reservados.

Algumas das crônicas deste livro foram previamente publicadas nos jornais *Correio Popular* e *Folha de S.Paulo*.

Preparação: Fernanda França
Revisão: Marcelo Cezar e Laura Vecchioli
Diagramação: Futura
Capa: Compañía
Imagens de capa: CSP_Vladimirs / age fotostock
Adaptação para eBook: Hondana

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Alves, Rubem
A educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida / Rubem Alves. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2018.
136 p.

ISBN: 978-85-422-1307-2
1. Educação - Filosofia I. Título

18-0697 CDD 370.1

2018
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Padre João Manuel, 100, 21º andar

Edifício Horsa II – Cerqueira César
01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário

O infinito na palma da mão

Parte 1

Educação dos sentidos

A caixa de ferramentas

A caixa de brinquedos

A educação dos sentidos I

A arte de ver

A arte de ouvir

Escutar os sons do mundo

A música

Viajando com a música

A educação dos sentidos II

O tato

A forma escolar da tortura

Como o seio...

Parte 2

E mais...

É brincando que se aprende

Aprendo porque amo

Se nós não sabemos, por que é que eles têm de saber?

A sombra enorme...

Inúteis e perniciosos

Se for por sorteio...

Seduzindo para o prazer de ler

É como ouvir música

Ler pouco

O país dos chapéus

Salvem-se enquanto é tempo!

Bosques sombrios e lanternas...

Sobre ciência e sapiência

Caminhos possíveis

À Dona Clotilde, modesta professora...

O infinito na palma da mão[1]

Ora, quem acha que um milagre é alguma coisa especial?
Por mim, de nada sei que não sejam milagres.
Walt Whitman

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
quando a gente as tem na mão
e olha devagar para elas.
Alberto Caeiro/Fernando Pessoa

Mundo: maravilhas.
David Piedrahita, 11 anos

De modo constelar, as epígrafes conversam com as crônicas de Rubem Alves, com a sua concepção de que é singularmente necessária a educação dos sentidos, que nos abre à dimensão poética da vida, ao espanto e ao alumbramento com o mundo, inseparáveis da curiosidade e da alegria de viver e criar. Essa educação dos sentidos é primordial para a formação dos formadores, para despertar

neles o adormecido ou interditado em sua capacidade de escuta e de diálogo, para que possam acolher e cultivar os descobrimentos, as perguntas, as iluminações que as crianças espontaneamente fazem e que, infelizmente, tantas escolas desnaturam.

Como genuíno cronista, Rubens Alves não escrevia de modo a arquitetar argumentos para demonstrar uma tese. As crônicas, líricas e filosóficas, despertam ideias, evocam sentimentos e histórias, sem dissociar o intelectivo e o afetivo. Foram escritas feito música, de variações em torno do tema, a partir do cotidiano, redescoberto como um mundo a ser conhecido e reconhecido, com a sensibilidade da inteligência e a inteligência da sensibilidade.

Este livro é antológico: nele se encontram várias das suas mais clássicas crônicas, como *A caixa de ferramentas; A caixa de brinquedos; A educação dos sentidos I e II; A arte de ver; A arte de ouvir; Aprendo porque amo; Sobre ciência e sapiência,* dentre outras. Elas têm tido muitas ressonâncias entre educadores, dentro e fora das salas de aula e das escolas, inspirando práticas e teorias humanistas, que resistem à lógica utilitária e instrumental e que

valorizam a subjetividade e a intersubjetividade, o afeto, a imaginação, a capacidade criadora.

Assim, ao lermos e relermos esses textos, saboreamos palavras que nos motivam a fazer a nossa própria existência como obra de arte. Em um tempo assinalado de desencantos e dilacerações, essa é uma atividade de reverência pela vida, a ser sempre recriada, recordando com Rubem Alves que “a esperança se alimenta de pequenas coisas, de pequenas coisas ela floresce”.

Severino Antônio

Professor e escritor

Parte 1

Educação dos sentidos

A caixa de ferramentas

Resumindo: são duas, apenas duas, as tarefas da educação. Como acho que as explicações conceituais são difíceis de aprender e fáceis de esquecer, eu caminho sempre pelo caminho dos poetas, que é o caminho das imagens. Uma boa imagem é inesquecível. Assim, em vez de explicar o que disse, vou mostrar o que disse por meio de uma imagem.

O corpo carrega duas caixas. Na mão direita, mão da destreza e do trabalho, ele leva uma caixa de ferramentas. E na mão esquerda, mão do coração, ele leva uma caixa de brinquedos.

Ferramentas são melhorias do corpo. Os animais não precisam de ferramentas porque seus corpos já são ferramentas. Eles lhes dão tudo aquilo de que necessitam para sobreviver.

Como são desajeitados os seres humanos quando comparados com os animais! Veja, por exemplo, os macacos. Sem nenhum treinamento especial eles tirariam medalhas de ouro na ginástica olímpica. E os saltos das pulgas e dos gafanhotos! Já prestou atenção na velocidade das formigas? Mais velozes a pé, proporcionalmente, que os bólidos de Fórmula Um! O voo dos urubus, os buracos dos tatus, as teias das aranhas, as conchas dos moluscos, a língua saltadora dos sapos, o veneno das taturanas, os dentes dos castores...

Nossa inteligência se desenvolveu para compensar nossa incompetência corporal. Inventou melhorias para o corpo: porretes, pilões, facas, flechas, redes, barcos, jegues, bicicletas, casas... Disse Marshall McLuhan corretamente que todos os “meios” são extensões do corpo. É isto que são as ferramentas: meios para se viver. Ferramentas aumentam a nossa força, nos dão poder. Sem ser dotado de força de corpo, pela inteligência o homem se transformou no mais forte de todos os animais, o mais terrível, o mais criador, o mais destruidor. O homem tem poder para transformar o mundo num paraíso ou num deserto.

A primeira tarefa de cada geração, dos pais, é passar aos filhos, como herança, a caixa de ferramentas. Para que eles não tenham de começar da estaca zero. Para que eles não precisem pensar em soluções que já existem. Muitas ferramentas são objetos: sapatos, escovas, facas, canetas, óculos, carros, computadores. Os pais apresentam tais ferramentas aos seus filhos e lhes ensinam como devem ser usadas. Com o passar do tempo, muitas ferramentas, objetos e seus usos se tornam obsoletos. Quando isso acontece, eles são retirados da caixa. São esquecidos por não terem mais uso. As meninas não têm de aprender a torrar café numa panela de ferro nem os meninos têm de aprender a usar arco e flecha para encontrar o café da manhã. Somente os velhos ainda sabem apontar os lápis com um canivete...

Outras ferramentas são puras habilidades. Andar, falar, construir. Uma habilidade extraordinária que usamos o tempo todo, mas de que não temos consciência, é a capacidade de construir, na cabeça, as realidades virtuais chamadas mapas. Para nos entendermos na nossa casa, temos de ter mapas dos seus cômodos e mapas dos lugares onde as coisas estão guardadas. Fazemos mapas da casa.

Fazemos mapas da cidade, do mundo, do universo. Sem mapas seríamos seres perdidos, sem direção.

A ciência é, ao mesmo tempo, uma enorme caixa de ferramentas e, mais importante que suas ferramentas, um saber de como se fazem as ferramentas. O uso das ferramentas científicas que já existem pode ser ensinado. Mas a arte de construir ferramentas novas, para isso há de se saber pensar. A arte de pensar é a ponte para o desconhecido. Assim, tão importante quanto a aprendizagem do uso das ferramentas existentes – coisa que se pode aprender mecanicamente – é a arte de construir ferramentas novas. Na caixa das ferramentas, ao lado das ferramentas existentes, mas num compartimento separado, está a arte de pensar. (Fico a pensar: o que é que as escolas ensinam? Elas ensinam as ferramentas existentes ou a arte de pensar, chave para as ferramentas inexistentes? O problema: os processos de avaliação sabem como testar o conhecimento das ferramentas. Mas que procedimentos adotar para se avaliar a arte de pensar?)

Assim, diante da caixa de ferramentas, o professor tem de se perguntar: “Isso que estou ensinando é ferramenta para quê? De que forma pode ser usado? Em que aumenta

a competência dos meus alunos para viver a sua vida?”. Se não houver resposta, pode-se estar certo de uma coisa: ferramenta não é.

Mas há uma outra caixa, na mão esquerda, a mão do coração. Essa caixa está cheia de coisas que não servem para nada. Inúteis. Lá estão um livro de poemas da Cecília Meireles, a “Valsinha” do Chico, um cheiro de jasmim, um quadro do Monet, um vento no rosto, uma sonata de Mozart, o riso de uma criança, um saco de bolas de gude... Coisas inúteis. E, no entanto, elas nos fazem sorrir. E não é para isso que se educa? Para que nossos filhos saibam sorrir?

A caixa de brinquedos

A ideia de que o corpo carrega duas caixas – uma caixa de ferramentas, na mão direita, e uma caixa de brinquedos, na mão esquerda – me apareceu enquanto me dedicava a mastigar, ruminar e digerir Santo Agostinho. Como você deve saber, eu leio antropofagicamente. Porque os livros são feitos com a carne e o sangue daqueles que os escrevem. Dos livros se pode dizer o que os sacerdotes dizem da eucaristia: “Isso é o meu corpo; isso é a minha carne”. Ele não disse como eu digo. O que digo é o que ele disse depois de passado pelos meus processos digestivos. A diferença é que ele disse na grave linguagem dos teólogos e filósofos. E eu digo a mesma coisa na leve linguagem dos bufões e do riso. Pois ele, resumindo o seu pensamento, disse que todas as coisas que existem se dividem em duas ordens distintas. A ordem do *uti* (ele escrevia em latim) e a ordem do *frui*. *Uti*, “o que é útil, utilizável, utensílio”. Usar

uma coisa é utilizá-la para se obter uma outra coisa. *Frui*, “fruir, usufruir, desfrutar, amar uma coisa por causa dela mesma”. A ordem do *uti* é o lugar do poder. Todos os utensílios, ferramentas, são inventados para aumentar o poder do corpo. A ordem do *frui*, ao contrário, é a ordem do amor – coisas que não são utilizadas, que não são ferramentas, que não servem para nada. Elas não são úteis; são inúteis. Porque não são para serem usadas, mas para serem gozadas.

Aí você me pergunta: quem seria tolo de gastar tempo com coisas que não servem para nada, que são inúteis? Aquilo que não tem utilidade é jogado no lixo: lâmpada queimada, tubo de pasta dental vazio, caneta Bic sem tinta...

Faz tempo preguei uma peça num grupo de cidadãos da terceira idade. Velhos aposentados, inúteis. Comecei a minha fala solenemente. “Então os senhores e as senhoras finalmente chegaram à idade em que são totalmente inúteis...” Foi um pandemônio! Ficaram bravos. Me interromperam. E trataram de apresentar as provas de que ainda eram úteis. Da sua utilidade dependia o sentido de suas vidas. Minha provocação dera o resultado que eu

esperava. Comecei, então, mansamente, a argumentar. “Então vocês encontram sentido para suas vidas na sua utilidade. Vocês são ferramentas. Não serão jogados no lixo. Vassouras, mesmo velhas, são úteis. Já uma música do Tom Jobim é inútil. Não há o que se fazer com ela. Os senhores e as senhoras estão me dizendo que se parecem mais com as vassouras que com a música do Tom... Papel higiênico é muito útil. Não é preciso explicar. Mas um poema da Cecília Meireles é inútil. Não é ferramenta. Não há o que fazer com ele. Os senhores e as senhoras estão me dizendo que preferem a companhia do papel higiênico à companhia do poema da Cecília...” E assim fui acrescentando exemplos. De repente os seus rostos se modificaram e compreenderam... A vida não se justifica pela utilidade. Ela se justifica pelo prazer e pela alegria – moradores da ordem da fruição. Por isso que Oswald de Andrade, no “Manifesto Antropofágico”, repetiu várias vezes: “a alegria é a prova dos nove, a alegria é a prova dos nove...”.

E foi precisamente isso que disse Santo Agostinho. As coisas da caixa de ferramentas, do poder, são *meios* de vida, necessários para a sobrevivência. (Saúde é uma das coisas que moram na caixa de ferramentas. Saúde é poder.

Mas há muitas pessoas que gozam perfeita saúde física e, a despeito disso, se matam de tédio.) As ferramentas não nos dão razões para viver. Elas só servem como chaves para abrir a caixa de brinquedos.

Santo Agostinho não usou a palavra *brinquedo*. Sou eu quem a usa porque não encontro outra mais apropriada. Armar quebra-cabeça, empinar pipa, rodar pião, jogar xadrez, bilboquê, jogar sinuca, dançar, ler um conto, ver caleidoscópio, não levam a nada. Não existem para levar a coisa alguma. Quem está brincando já chegou. Compare a intensidade das crianças brincando com o seu sofrimento ao fazer fichas de leitura! Afinal de contas, para que servem as fichas de leitura? São úteis? Dão prazer? Livros podem ser brinquedos?

O inglês e o alemão têm uma felicidade que não temos. Contam com uma única palavra para se referirem a brinquedo e a arte. No inglês, *play*. No alemão, *spielen*. Arte e brinquedo são a mesma coisa: atividades inúteis que dão prazer e alegria. Poesia, música, pintura, escultura, dança, teatro, culinária: são todas brincadeiras que inventamos para que o corpo encontre a felicidade, ainda que em breves momentos de distração, como diria Guimarães Rosa.

Esse é o resumo da minha filosofia da educação. Resta perguntar: os saberes que se ensinam em nossas escolas são ferramentas? Tornam os alunos mais competentes para executar as tarefas práticas do cotidiano? E eles, alunos, aprendem a ver os objetos do mundo como se fossem brinquedos? Têm mais alegria? Infelizmente não há avaliações de múltipla escolha para se medir alegria...

A educação dos sentidos I

Eu disse *caixa de ferramentas* e *caixa de brinquedos*. Santo Agostinho disse *ordem da utilidade* e *ordem da fruição*. Freud disse *princípio da realidade* e *princípio do prazer*. Martin Buber disse *o mundo do isso* e *o mundo do tu*. É tudo a mesma coisa.

Mas quem disse primeiro foram as Escrituras Sagradas. Elas contam que Deus estava infeliz. O vazio em que vivia lhe dava tédio. Por isso teve um sonho. Sonhou com um jardim – pois não há nada que dê mais alegria que um jardim. Decidiu-se, assim, a plantar um jardim para ficar alegre. Começou nos confins do vazio, criando as grandes estrelas, o sol, a lua, e foi afunilando, afunilando, até chegar a um lugar bem pequeno onde plantou o seu sonho: o paraíso. Fontes, árvores frutíferas, flores, pássaros, borboletas, animais de todo tipo e até um vento fresco e

perfumado que soprava nas tardes. Cecília Meireles resumiu essa estória num minúsculo poema enorme:

No mistério do Sem-Fim
equilibra-se um planeta.

E, no planeta, um jardim,
e, no jardim, um canteiro;

no canteiro, uma violeta,
e, sobre ela, o dia inteiro,

entre o planeta e o Sem-Fim,
a asa de uma borboleta.

Era o jardim das delícias, destino dos homens, destino do universo, destino de Deus! O paraíso era melhor que o céu. Prova disso é que Deus passeava pelo jardim ao vento fresco da tarde... Terminado o seu trabalho de seis dias, Deus parou de trabalhar. Entregou-se então àquilo para que o trabalho havia sido feito: uma deliciosa vagabundagem contemplativa. Os olhos olharam para o jardim e experimentaram o êxtase da beleza! “E viu Deus que era

muito bom...” Os olhos de Deus brincavam com o jardim. Nada havia para ser feito. Havia tudo para ser gozado.

Nos limites do meu conhecimento, Jacob Boehme foi o único teólogo que entendeu isso. Herética e eroticamente ele disse que a única coisa que Deus faz é brincar e que o paraíso era um lugar para que os homens brincassem uns com os outros e com as coisas ao seu redor. Homem e mulher: para que um brincasse com o corpo do outro... Perderam o paraíso quando desaprenderam a arte de brincar...

Os poemas sagrados colocam as coisas na ordem certa. A semana bíblica começa com os dias de trabalho e termina com o dia de gozo. A Igreja alterou essa ordem. Primeiro o dia da contemplação: o corpo descansa para trabalhar melhor...

A forma como as ferramentas são aprendidas é muito simples. Tudo começa com o sonho. O corpo sonha. Pois, como Freud percebeu, ele é movido pelo “princípio do prazer”. O sonho é o meu pequeno paraíso. Se fôssemos feiticeiros, se tivéssemos o poder mágico dos deuses, bastaria dizermos o sonho em voz alta para que ele se realizasse. Mas, infelizmente, somos fracos seres humanos e

temos necessidade de pensar. O sonho dá ordens à inteligência: “Pense, invente as ferramentas de que necessito para realizar o meu sonho”. Aí a inteligência pensa.

Se o sonho não existe, é inútil dar ordens à inteligência. Ela não obedece. Veio-me a ideia de que a inteligência muito se parece com o pênis. Não se assuste: o mundo está cheio das analogias mais estranhas... Pois o que é o pênis? É um órgão que, no seu estado normal, é um apêndice ridículo, flácido, que realiza funções excretoras automáticas que não demandam grandes reflexões. Mas, se provocado pelo desejo, ele passa por curiosas metamorfoses hidráulicas que lhe dão a capacidade de ter prazer, de dar prazer e de criar vida. Se não há desejo, é inútil que a cabeça lhe dê ordens...

Assim também é a inteligência. No cotidiano ela se encontra num estado flácido que é mais do que suficiente para a realização das tarefas rotineiras. Quando, entretanto, é provocada pelo desejo, ela cresce e se dispõe a fazer coisas ditas impossíveis. Assim viu Fernando Pessoa, que disse:

> Sei-o bem, qualquer coisa mo diz, um agrado no meu espírito, Uma ereção abstrata e indireta no fundo da minha alma.

Uma inteligência flácida é uma inteligência sem desejo. Meu amigo Eduardo Chaves observou que, ao contrário do que anuncia o best-seller *Inteligência emocional*, a verdade é o oposto. Não há inteligência emocional. A inteligência jamais procura a emoção. É a emoção que procura a inteligência. É a emoção que deseja ser eficaz para realizar o sonho.

Mas a capacidade de brincar também precisa ser aprendida. E ela tem a ver com a capacidade de o corpo ser erotizado pelas coisas à sua volta, de sentir prazer nelas. Nossos sentidos – visão, audição, olfato, tato, gosto – são todos órgãos de fazer amor com o mundo, de ter prazer nele. Mas não basta ter olhos, nariz, ouvidos, língua, pele... Os sentidos, no seu estado natural, podem sofrer daquela flacidez sobre a qual falamos... Roland Barthes sugeriu então que a educação dos sentidos fosse semelhante ao Kama Sutra, o ensino das várias posições possíveis de se

fazer amor com o mundo. Mas isso, é claro, exige que os professores sejam mestres na dita arte...

A arte de ver

Ela entrou, deitou-se no divã e disse: “Acho que estou ficando louca”. Eu fiquei em silêncio, aguardando que ela me revelasse os sinais da sua loucura. “Um dos meus prazeres é cozinhar. Vou para a cozinha, corto as cebolas, os tomates, os pimentões – é uma alegria! Aconteceu, entretanto, faz uns dias, que eu fui para a cozinha para fazer aquilo que já fizera centenas de vezes: cortar cebolas. Ato banal sem surpresas. Entretanto, cortada a cebola, eu olhei para ela e tive um susto. Percebi que nunca havia visto uma cebola. Aqueles anéis perfeitamente ajustados, a luz se refletindo neles: tive a impressão de estar vendo a rosácea de um vitral de catedral gótica. De repente a cebola, de objeto a ser comido, se transformou em obra de arte a ser vista! E o pior é que o mesmo aconteceu quando cortei os tomates, os pimentões... Agora tudo o que vejo me causa espanto...”

Ela se calou, esperando o meu diagnóstico. Eu me levantei, fui até a estante de livros e de lá retirei as *Odes elementares*, de Pablo Neruda. Procurei a “Ode à cebola” e lhe disse: “Essa perturbação ocular que a acometeu é comum entre os poetas. Veja o que Neruda disse de uma cebola igual àquela que lhe causou assombro: ‘...rosa de água com escamas de cristal...’. Não, você não está louca. Você ganhou olhos de poeta... Os poetas ensinam a ver”.

Ver é muito complicado. Isso é estranho porque os olhos, de todos os órgãos dos sentidos, são os de mais fácil compreensão científica. A sua física é idêntica à física óptica de uma máquina fotográfica: o objeto do lado de fora aparece refletido do lado de dentro. Mas existe algo na visão que não pertence à física. William Blake sabia disso e afirmou: “A árvore que o sábio vê não é a mesma árvore que o tolo vê”. Sei isso por experiência própria. Quando vejo os ipês floridos, sinto-me como Moisés diante da sarça ardente: ali está uma epifania do sagrado. Mas uma mulher que vivia perto da minha casa decretou a morte de um ipê que florescia na frente de sua casa porque ele sujava o chão, dava muito trabalho para a sua vassoura. Seus olhos não viam a beleza. Só viam o lixo.

A Adélia Prado disse: “Deus de vez em quando me tira a poesia. Olho para uma pedra e vejo uma pedra”. O Drummond viu uma pedra e não viu uma pedra. A pedra que ele viu virou poema.

Há muitas pessoas de visão perfeita que nada veem.

Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.

Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores,

escreveu Alberto Caeiro. O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido. Nietzsche sabia disso e afirmou que a primeira tarefa da educação era ensinar a ver. O zen-budismo concorda, e toda a sua espiritualidade é uma busca da experiência chamada *satori*, a abertura do “terceiro olho”. Não sei se Cummings se inspirava no zen-budismo, mas o fato é que escreveu: “Agora os ouvidos dos meus ouvidos acordaram e agora os olhos dos meus olhos se abriram...”.

Há um poema no Novo Testamento que relata a caminhada de dois discípulos na companhia de Jesus ressuscitado. Mas eles não o reconheciam. Reconheceram-no subitamente: ao partir do pão “os seus olhos se abriram”. Vinicius de Moraes adotou o mesmo mote no “Operário em construção”:

De forma que, certo dia,
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
– garrafa, prato, facão –
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.

A diferença se encontra no lugar onde os olhos são guardados. Se os olhos estão na “caixa de ferramentas”, eles são apenas ferramentas que usamos por sua função prática. Com eles vemos objetos, sinais luminosos, nomes

de ruas – e ajustamos a nossa ação. O ver se subordina ao fazer. Isso é necessário. Mas é muito pobre. Os olhos não gozam... Mas, quando os olhos estão na “caixa de brinquedos”, eles se transformam em órgãos de prazer: brincam com o que veem, olham pelo prazer de olhar, querem fazer amor com o mundo.

Os olhos que moram na caixa de ferramentas são os olhos dos adultos. Os olhos que moram na caixa de brinquedos são os olhos das crianças. Para ter olhos brincalhões, é preciso ter as crianças por nossas mestras. Alberto Caeiro disse haver aprendido a arte de ver com um menininho, Jesus Cristo fugido do céu, tornado outra vez criança, eternamente:

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as têm na mão
E olha devagar para elas.

Por isso, porque eu acho que a primeira função da educação é ensinar a ver, eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar para os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana. Como o Jesus Menino do poema do Caeiro. Sua missão seria partejar “olhos vagabundos”...

A arte de ouvir

De todos os sentidos, o mais importante para a aprendizagem do amor, do viver juntos e da cidadania é a audição. Disse o escritor sagrado: “No princípio era o Verbo”. Eu acrescento: “Antes do Verbo era o silêncio”. É do silêncio que nasce o ouvir. Só posso ouvir a palavra se meus ruídos interiores forem silenciados. Só posso ouvir a verdade do outro se eu parar de tagarelar. Quem fala muito não ouve. Sabem disso os poetas, esses seres de fala mínima. Eles falam, sim. Para ouvir as vozes do silêncio. Veja este poema de Fernando Pessoa, dirigido a um poeta:

Cessa o teu canto!
Cessa, que, enquanto
O ouvi, ouvia
Uma outra voz
Como que vindo

Nos interstícios
Do brando encanto
Com que o teu canto
Vinha até nós.

Ouvi-te e ouvia-a
No mesmo tempo
E diferentes
Juntas cantar.
E a melodia
Que não havia,
Se agora a lembro,
Faz-me chorar.

A magia do poema não está nas palavras do poeta. Está nos interstícios silenciosos que há entre as suas palavras. É nesse silêncio que se ouve a melodia que não havia. Aí a magia acontece: a melodia me faz chorar.

Não nos sentimos em casa no silêncio. Quando a conversa para por não haver o que dizer, tratamos logo de falar qualquer coisa, para pôr um fim no silêncio. Vez por outra tenho vontade de escrever um ensaio sobre a

psicologia dos elevadores. Ali estamos, nós dois, fechados naquele cubículo. Um diante do outro. Olhamos nos olhos um do outro? Ou olhamos para o chão? Nada temos a falar. Esse silêncio é como se fosse uma ofensa. Aí falamos sobre o tempo. Mas nós dois bem sabemos que se trata de uma farsa para encher o tempo até que o elevador pare.

Os orientais entendem melhor do que nós. Se não me engano o nome do filme é *Aconteceu em Tóquio*. Duas velhinhas se visitavam. Por horas ficavam juntas, sem dizer uma única palavra. Nada diziam porque no seu silêncio morava um mundo. Faziam silêncio não por não terem nada a dizer, mas porque o que tinham a dizer não cabia em palavras. A filosofia ocidental é obcecada pela questão do Ser. A filosofia oriental, pela questão do Vazio, do Nada. É no vazio da jarra que se colocam flores.

O aprendizado do ouvir não se encontra em nossos currículos. A prática educativa tradicional se inicia com a palavra do professor. A menininha, Andréa, voltava do seu primeiro dia na creche. “Como é a professora?”, sua mãe lhe perguntou. Ao que ela respondeu: “Ela grita...”. Não bastava que a professora falasse. Ela gritava. Não me lembro de que minha primeira professora, dona Clotilde,

tivesse jamais gritado. Mas me lembro dos gritos esganiçados que vinham da sala ao lado. Um único grito enche o espaço de medo. Na escola a violência começa com estupros verbais.

Milan Kundera conta a estória de Tamina, uma garçonete.

> Todo mundo gosta de Tamina. Porque ela sabe ouvir o que lhe contam. Mas será que ela ouve mesmo? Não sei... O que conta é que ela não interrompe a fala. Vocês sabem o que acontece quando duas pessoas falam. Uma fala e outra lhe corta a palavra: “é exatamente como eu, eu...”, e começa a falar de si até que a primeira consiga por sua vez cortar: “é exatamente como eu, eu...”. Esta frase “é exatamente como eu...” parece ser uma maneira de continuar a reflexão do outro, mas é um engodo. E uma revolta brutal contra uma violência brutal: um esforço para libertar o nosso ouvido da escravidão e ocupar à força o ouvido do adversário. Pois toda a vida do homem entre os seus semelhantes nada mais é do que um combate para se apossar do ouvido do outro...

Será que era isso que acontecia na escola tradicional? O professor se apossando do ouvido do aluno (pois não é essa a sua missão?), penetrando-o com a sua fala fálica e estuprando-o com a força da autoridade e a ameaça de castigos, sem se dar conta de que no ouvido silencioso do aluno há uma melodia que se toca. Talvez seja essa a razão por que há tantos cursos de oratória, procurados por políticos e executivos, mas não há cursos de “escutatória”. Todo mundo quer falar. Ninguém quer ouvir.

Todo mundo quer ser escutado. (Como não há quem os escute, os adultos procuram um psicanalista, profissional pago para escutar.) Toda criança também quer ser escutada. Encontrei, na revista pedagógica italiana *Cem Mondialità*, a sugestão de que antes de se iniciarem as atividades de ensino e aprendizagem, os professores se dedicassem por semanas, talvez meses, a simplesmente ouvir as crianças. No silêncio das crianças há um programa de vida: sonhos. É dos sonhos que nasce a inteligência. A inteligência é a ferramenta que o corpo usa para transformar os seus sonhos em realidade. É preciso escutar as crianças para que a inteligência delas desabroche.

Sugiro então aos professores que, ao lado da sua justa preocupação com o falar claro, tenham também uma justa preocupação com o escutar claro. Amamos não a pessoa que fala bonito. É a pessoa que escuta bonito. A escuta bonita é um bom colo para uma criança se assentar...

Escutar os sons do mundo

Lembro-me do livro de contabilidade do meu pai. Ao lado esquerdo ficava a página do “Deve”, onde ele anotava os pagamentos feitos, dinheiro que não era mais seu. Ao lado direito estava a página do “Haver”, onde se registravam as entradas, sua pequena riqueza.

Na alma também se encontra um livro de contabilidade. Tanto assim que o Vinicius escreveu um poema com o título “O haver”. Ele já estava velho e fazia um balanço final do que restara. “Resta”: é assim que cada verso se inicia.

Resta [...]

Essa intimidade perfeita com o silêncio [...]

Resta esse sentimento de infância subitamente desentranhado [...]

Resta essa vontade de chorar diante da beleza [...]

Resta essa comunhão com os sons [...]

Resta [...]

essa súbita alegria

Ao ouvir na madrugada passos que se perdem sem memória...

Quem diria que o som de passos na madrugada poderia ser parte da herança de felicidade de um poeta! Os poetas são seres muito estranhos. Ficam felizes com nada. A poesia se faz com nadas... Bem disse o Manoel de Barros:

Todas as coisas cujos valores podem ser disputados no cuspe à distância servem para poesia. [...]

As coisas que não servem para nada têm grande importância...

Fernando Pessoa sofria da mesma peculiaridade auditiva do Vinicius. Lembro-me de um verso seu que não consegui encontrar, que é mais ou menos assim: “Por esse barulho do vento nos meus ouvidos valeu a pena eu ter nascido”. Se o verso não foi dele, fica sendo meu, porque eu já tive a mesma experiência várias vezes. Caminhando sozinho no

silêncio das árvores, o vento me sussurra segredos de felicidades, como revela Fernando Pessoa:

Assim a brisa
Nos ramos diz
Sem o saber
Uma imprecisa
Coisa feliz.

Ouvir os sons do mundo é uma felicidade que somente os artistas recebem por nascimento. Os outros têm de aprender. Para isso há de haver os mestres da escuta. Como John Cage, que compôs uma curiosa peça para piano. É assim: o pianista faz precisamente o que fazem todos os pianistas. Entra no palco, encaminha-se para o piano, assenta-se, regula a distância do banco, concentra-se – e não faz o que todo pianista faz. Ele não toca! Não, não! Não está certo! Eu errei! O pianista toca, sim. Ao piano ele executa o silêncio. O piano toca uma grande pausa! Cage faz o piano tocar silêncio para que se ouçam os delicados sons do mundo que não seriam ouvidos se o piano tocasse: as batidas do coração, a respiração, o ranger de uma

cadeira, uma tosse, um sussurro... “Há quem não ouça até que lhe cortem as orelhas”, disse Lichtenberg. O não fazer é a forma suprema de fazer, afirma a filosofia tao. Fazer nada é estar à espera. Por isso se aconselha meditação, que nada tem a ver com a meditação ocidental. A meditação ocidental é falar baixo os próprios pensamentos de uma forma metódica. O piano toca. Mas a meditação oriental é silenciar os próprios pensamentos para que os sons do mundo possam ser ouvidos. O piano não toca. Pra que serve isso? Pra nada. Não é ferramenta. Não tem utilidade. É coisa da caixa de brinquedos. Só dá felicidade.

O mundo está cheio de música. Há os sons que não existem mais, que estão perdidos na memória. Meu amigo Severino Antônio, poeta de voz mansa, sugeriu aos seus alunos que um passo primeiro para a poesia seria chamar do esquecimento os sons que um dia ouviram e que não se ouvem mais. A música do realejo, o canto do carro de bois, o apito das fábricas, das locomotivas, o “din-din” dos bondes, o canto dos galos, o repicar fúnebre dos sinos, o crepitar do fogo nos fogões de lenha, a gaita do sorveteiro, a buzina das charretes... Parece que a poesia fica guardada nos sons que não mais se ouvem. Há também os sons da

cidade, os gritos dos vendedores, o vozerio nas feiras, a algazarra das crianças ao sair das escolas, os bate-estacas das construtoras, o canto dos pardais, os rádios ligados dos trabalhadores, o latido ardido dos poodles... E há os sons da natureza: o assobio do vento, o barulho da chuva, os mantras das cachoeiras, o canto dos pássaros, dos sapos, dos grilos (tantos haicais sobre os grilos...), dos galos, o barulho das ondas...

> Todo homem – até mesmo o rico – é poeta entre os quinze e os vinte anos. A nova educação deverá fazer do homem um poeta em todas as idades, sem que lhe seja necessário escrever versos. Viver a poesia é muito mais necessário e importante do que escrevê-la,

assim disse Murilo Mendes. Poesia é música. A primeira poesia que se ouve é uma canção de ninar. Depois, é a música do mundo...

“Agora os ouvidos dos meus ouvidos acordaram”, escreveu Cummings. Acordar os ouvidos! Não me consta que essa tarefa tenha sido jamais mencionada em tratados sobre a educação. É compreensível. Para isso os professores

teriam que ser artistas, pianos que não tocam nada e que só fazem ouvir. Quando isso acontecer, quem sabe, os nossos jovens aprenderão a identificar o canto dos pássaros e ficarão subitamente alegres “ao ouvir na madrugada passos que se perdem sem memória...”.

A música

Angelus Silesius, místico que só escrevia poesia, disse o seguinte: “Temos dois olhos. Com um contemplamos as coisas do tempo, efêmeras, que desaparecem. Com o outro contemplamos as coisas da alma, eternas, que permanecem”. Eis um bom início para compreender os mistérios do olhar! Para entender os mistérios do ouvir, eu escrevo uma variação: “Temos dois ouvidos. Com um escutamos os ruídos do tempo, passageiros, que desaparecem. Com o outro ouvimos a música da alma, eterna, que permanece”.

A alma nada sabe sobre a história, o encadeamento dos eventos no tempo que acontecem uma vez e nunca mais se repetem. Na história a vida está enterrada no “nunca mais”. A alma, ao contrário, é o lugar onde o que estava morto volta a viver. Os poemas não são seres da história. Se eles pertencessem à história, uma vez lidos nunca mais seriam

relidos: ficariam guardados no limbo do “nunca mais”. Mas a alma não conhece o “nunca mais”. Ela toma o poema, escrito há muito tempo, no tempo da história (escrito no tempo da história, sim, mas sem pertencer à história...), ela o lê e ele fica vivo de novo: apossa-se do seu corpo, faz amor com ele, provoca riso, choro, alegria... A gente quer que os poemas sejam lidos de novo, ainda que os saibamos de cor, tantas foram as vezes que os lemos! Como as estórias infantis, irmãs dos poemas! As crianças querem ouvi-las de novo, do mesmo jeito. Se o leitor tenta introduzir variações, a criança logo protesta: “Não é assim...”. Nisso se encontra minha briga com os gramáticos que fazem os dicionários: eles mataram a palavra *estória*. Agora só existe a palavra *história*. Frequentemente os sabedores da anatomia das palavras ignoram a alma das palavras. Guimarães Rosa inicia o Tutameia com esta afirmação: “A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História”. Um revisor responsável, ao se defrontar com esse texto, tendo nas mãos a autoridade do dicionário, se apressaria a corrigir: “A história não quer ser história. A história, em rigor, dever ser contra a História”. Puro *nonsense*... Mas aconteceu com um texto meu que, pela

combinação da diligência do revisor com a minha preguiça (não reli suas correções), ficou arruinado...

Escrevi essas palavras à guisa de uma explicação *a posteriori* para uma cena da minha vida, acontecida há muitos anos, que vi de novo com meu segundo olho há poucos minutos. Também a ouvi com meu segundo ouvido porque nela havia música. Veio-me no seu frescor original. Não havia tempo algum entre o seu acontecer no passado e o seu acontecimento, há pouco. As mesmas emoções. Não. Corrijo-me. A sua beleza estava mais bela ainda, perfumada pela saudade. Entendo melhor o que escreveu Octavio Paz:

> Parece que nos recordamos e quereríamos voltar para lá, para esse lugar onde as coisas são sempre assim, banhadas por uma luz antiquíssima e ao mesmo tempo acabada de nascer. Um sopro nos golpeia a fronte. Estamos encantados. Adivinhamos que somos de outro mundo. É a "vida anterior" que retorna...

Sim, algo da minha vida anterior retornou como um sopro a me golpear a fronte...

A cena é assim (quase escrevi “foi assim”. Corrigi-me a tempo. As cenas da alma não têm passado. Elas acontecem sempre no presente): eu e o meu filho de 3 anos estamos na sala de estar da nossa casa. Só nós dois. Havíamos terminado de jantar. No sofá, sua cabeça está deitada no meu colo. É a hora de contar estórias, antes de dormir. Aí ele me diz: “Papai, põe o disco do violão...”. Levanto-me e pego o disco. Tomando toda a capa, a figura de um violino. Mozart. Ponho a peça que ele mais ama: “Pequena serenata noturna”. É impossível não amar a “Pequena serenata noturna”... Quem poderia resistir à tentação de voar que ela produz? Pode ser que o corpo não voe. Mas alma voa. Ouvir a “Pequena serenata noturna” é uma felicidade... (Note que a “Pequena serenata noturna” é inútil. Não serve para nada. Ela é uma criatura da “caixa de brinquedos”, lugar da alegria...)

Quando eu me esforçava por exercer a arte da psicanálise, ouvi de uma paciente: “Estou angustiada. Não tenho tempo para educar minha filha”. Psicanalista heterodoxo que eu era, não fiz o que meu ofício dizia que eu deveria fazer. Não me meti a analisar seus sentimentos de culpa. Apenas disse: “Eu nunca eduquei meus filhos...”. Ela

ficou perplexa. Desentendeu. Expliquei então: “Eu nunca eduquei meus filhos. Só vivi com eles...”. Ali, naquela noite, não me passava pela cabeça que estivesse educando meu filho. Eu só estava partilhando com ele um momento de beleza e felicidade. E se a Adélia Prado está certa, se “aquilo que a memória amou fica eterno”, sei que aquela cena está eternamente na alma do meu filho, muito embora ele tenha crescido e já esteja com cabelos brancos. Parte da alma dele é a “Pequena serenata noturna”, o disco do violão... E por isso, por causa da “Pequena serenata noturna”, ele ficou mais bonito...

Viajando com a música

Você gosta da “Pétrouchka” de Stravinsky? E do “Quarteto para o fim dos tempos”, que Messiaen escreveu num campo de concentração? E de “A Sertaneja” de Brasílio Itiberê, precursor da música nacional erudita? E da “Sinfonia da lamentação” de Górecki, compositor polonês? E do “Rudepoema”, que Villa-Lobos dedicou a Arthur Rubinstein? E do “Officium Defunctorum”, canto gregoriano com o sax de Jan Garbarek?

Fiz essas perguntas por pura maldade, de propósito... Escolhi umas peças que poucos conhecem. É possível que você nunca as tenha ouvido. Assim provavelmente sua resposta vai ser: “Nunca as ouvi. Não posso gostar daquilo que nunca ouvi”. Ao dar essa resposta, você enunciou a regra fundamental para se gostar de música: “O prazer vem do ouvir. Quem nunca ouviu não pode gostar”. Mas não é qualquer ouvir. É um ouvir especial.

Contei-lhe das minhas noites com meu filho pequeno, deitado no meu colo, pedindo-me que colocasse no toca-discos a “Pequena serenata noturna” de Mozart. Pediu porque gostava dela. Gostava dela porque a tinha ouvido antes. Imagine agora que eu, amante da música, me propusesse um programa de educação musical para o meu filho, com hora e lugar marcados. “Meu filho, são 9h da manhã. Hora de ouvir música. Deixe os seus brinquedos! Hoje vamos ouvir a ‘Pequena serenata noturna’.” É possível que ele me obedecesse e ouvisse. Mas estaria dizendo por dentro: “Droga, logo agora que o brinquedo estava tão bom...”.

A música é um pássaro em voo. É no seu voo que ela é bela. Não é possível prendê-la para aprendê-la. Música engaiolada, em sala de aula, com hora marcada, é coisa feia, até mesmo a “Pequena serenata noturna” de Mozart. Para o meu filho, a “Pequena serenata noturna” era mais do que ela: era a cena, a sala na penumbra, o meu colo, a estória que eu iria contar.

Aprende-se o prazer da música da mesma forma como a criança aprende o prazer de falar! Como eu gostava de falar quando era pequeno! Uma vez meu irmão me pagou uma

pratinha de dois mil réis para ficar calado por dez minutos. Fiquei. Mas senti-me tão ofendido que, transcorridos os dez minutos, recusei-me a falar. O meu silêncio causou grande aflição nos circunstantes, que me pagaram outra pratinha de dois mil réis para falar de novo...

Como é que se aprende a falar? Não sei. O fato é que quem ensina a falar não sabe que está ensinando e quem aprende não sabe que está aprendendo. Há coisas que só se aprendem se não se sabe que está aprendendo e que só se ensinam quando não se percebe que se está ensinando. A língua se aprende da mesma forma como se respira. É parte da vida. Imagine agora que houvesse um ensino científico da língua: aula dos substantivos, aula dos adjetivos, aula dos verbos, aula da sintaxe, hora da verificação, hora das reprovações... Nunca aprenderíamos a falar! O mesmo vale para a música. Há de se aprender a música da mesma forma como se respira, da mesma forma como se aprende a falar, sem lugar certo, sem hora certa. Não há hora certa para ouvir o sopro dos ventos, o canto dos pássaros, o farfalhar das folhas nas árvores, o murmurar dos regatos, o barulho da chuva. A música são objetos sonoros que criamos como companheiros da música da natureza, para

acrescentar-lhes uma beleza diferente, saída de dentro de nós. É preciso viver no meio dela como vivemos no meio dos ventos, dos pássaros, das árvores, dos regatos, da chuva...

Tenho um amigo que é apaixonado por Vivaldi. Ele mora sozinho. Quando em casa, ele escuta Vivaldi o dia inteiro. Uma senhora cuida da sua casa. Um dia ele se preparava para sair com o seu carro seminovo quando o marido da dita senhora chegou com seu carro velho: uma Brasília. Aconteceu, entretanto, que a bateria do seminovo pifou. O marido da empregada lhe ofereceu carona no seu carro velho. Já dentro da Brasília o marido lhe perguntou: “Posso colocar um CD?” “Mas é claro”, ele respondeu, temeroso da música que teria de ouvir. E o que se ouviu foi... Vivaldi! Ante seu rosto espantado, sua auxiliar explicou: “Acho tão bonitas as músicas que o senhor escuta. Fui ver o nome: Vivaldi. Agora também nós ouvimos Vivaldi...”. Meu amigo ensinou sem saber que estava ensinando...

A música nos retira dos nossos pequenos mundos e nos faz viajar por mundos maravilhosos. Isso desperta em nós as potências eróticas dos nossos ouvidos. Os ouvidos passam a fazer amor com a música em inumeráveis

posições... O canto gregoriano, a música barroca, a música clássica, a romântica, a impressionista, o jazz, a música sertaneja: todas essas são formas diferentes de gozar auditivamente. Pena é que haja pessoas que gozam de um jeito só. É como se, diante da enorme variedade de pratos em um bufê, a pessoa comesse sempre a mesma coisa: arroz, feijão, batata frita e bife...

A educação da nossa sensibilidade musical deveria ser um dos objetivos da educação. Os conhecimentos da ciência são importantes. Eles nos dão poder. Mas eles não mudam o jeito de ser das pessoas. A música, ao contrário, não dá poder algum. Mas ela é capaz de penetrar na alma e de comover o mundo interior da sensibilidade onde mora a bondade. Afinal, esta não deveria ser a primeira tarefa da educação: produzir a bondade?

A educação dos sentidos II

Eu amo o Marx jovem, o Marx erótico, o Marx do prazer. Nos *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844* ele denuncia o capitalismo por aquilo que ele faz com os sentidos: destrói-os todos e os substitui por um único sentido: o “ter”. Para gozar um objeto, é preciso possuí-lo. E ele propõe uma fórmula ousada para a compreensão da história, fórmula que não encontrei em nenhum outro filósofo: “O cultivo dos cinco sentidos é o trabalho de toda a história passada”. Na sua fantasia romântica ele acreditava que a história “conspira” para a nossa felicidade. Porque a felicidade nasce da exuberância dos sentidos. Que maravilhosa teologia ateia!

Os sentidos! Que prazeres extraordinários eles nos dão! É verdade que em sua situação bruta – antes de sua educação! – os sentidos somente atendem às necessidades elementares de sobrevivência. Um homem faminto não é

capaz de fazer distinções sutis entre gostos refinados: angu ou lagosta, tudo é a mesma coisa. Seu corpo vive sob o imperativo bruto do comer.

Assim são os sentidos dos animais. Têm apenas uma função prática. São “meios” de vida. Moram na “caixa de ferramentas”. Os olhos do gavião não se prestam ao deleite estético de cenários. Eles são ferramentas ópticas para localizar as presas. É bem sabido que os cães têm um olfato agudíssimo. Mas nunca vi um cão usando o seu olfato para deleitar-se com o perfume de flores. Para os cães o olfato tem uma função prática probatória: jamais abocanham um alimento sem cheirá-lo. Assim são os sentidos na sua condição natural. Mas, saindo dessa condição bruta de existência, os sentidos se refinam, despregam-se de suas funções práticas e tornam-se sensíveis a prazeres inúteis que até então lhes eram desconhecidos. Os genitais na sua condição animal são ferramentas a serviço da reprodução. Mas na sua função humana amorosa transformam-se em instrumentos de gozo e alegria totalmente inúteis. Educados, os sentidos passam a ser habitantes da “caixa de brinquedos”. Pelos sentidos educados, deixamos de “usar” o mundo e passamos a “fazer amor” com o mundo. O

Gilberto Dimenstein descreve o que aconteceu quando ao Café Aprendiz se agregou uma padaria. O cheiro do pão assado saía do Café, se espalhava pela rua. Cheiro puro, fim em si mesmo, sem nenhuma função prática. A rua deixou de ser o que era. Passou a ser “rua com cheiro bom de pão”. E ela se encheu de reminiscências domésticas.

Milan Kundera, descrevendo o aparecimento do amor de Thomas por Tereza, escreveu o seguinte:

> Ajoelhado à sua cabeceira, ocorrera-lhe a ideia de que ela viera para ele numa cesta sobre as águas. Já disse que as metáforas são perigosas. O amor começa com uma metáfora. Ou melhor: o amor começa no momento em que uma mulher se inscreve com uma palavra em nossa memória poética.

O mesmo se pode dizer dos sentidos. Os sentidos brutos são os sentidos em si mesmos. Os sentidos se educam ao serem tocados pela poesia.

Os teólogos medievais diziam que, na eucaristia, o pão e o vinho se “transubstanciavam” na carne e no sangue de Cristo. Analisados objetivamente, o pão e o vinho

continuavam a ser pão e vinho. Mas uma magia acontecia quando pão e vinho eram tocados pela palavra poética: tornavam-se uma outra coisa. A poesia transforma a coisa em taça onde uma alegria é servida. O pão continua a ser pão: alimento que tem a função prática de matar a fome. Mas o seu cheiro bom faz-me lembrar minha mãe, na cozinha... O pão tornou-se portador de uma felicidade ausente... Tal como aconteceu com o Pequeno Príncipe que havia seduzido a raposa e agora partia e a raposa ia chorar...

> “Vou chorar”, disse-lhe a raposa. “Mas não importa. Valeu a pena por causa dos campos de trigo. Você sabe, eu sou raposa. O trigo não significa nada para mim. Mas o seu cabelo é louro. O trigo maduro é dourado. Quando o vento bater nos campos dourados de trigo, eu me lembrarei de você e ficarei feliz...”

O perfume de pêssego do jasmim-do-imperador (que Guimarães Rosa declarou ser de todos o mais querido) me carrega no seu oco, menino brincando de pés descalços no quintal da casa do meu avô. A balada em sol menor de

Chopin é um pedaço de minha mãe. Um ursinho velho abandonado põe o meu filho pequeno no meu colo. Meu filho Marcos me contou que, nas minhas ausências, quando ele era menino, ia para o meu escritório vazio para sentir o perfume de cachimbo, que eu fumava...

O professor que mostra a coisa ao discípulo e sorri enquanto aponta,

Que diz: “Preste atenção! Ouça como essa música é bonita!”,

Que toca mansamente com as mãos,

Que lê um poema para seus alunos e se sente possuído,

Está ligando o seu rosto, como memória poética, à coisa.

E assim ele é o alquimista que opera a transubstanciação dos sentidos.

E o mundo se enche de alegrias ausentes.

O tato

O tato é o sentido que marca, no corpo, a divisa entre Eros e Tânatos. É através do tato que o amor se realiza. É no lugar do tato que a tortura acontece.

Escarafunchei minhas memórias de leitura e não encontrei nada que se referisse ao tato, exceto na poesia e na literatura. Um dos poemas de Fernando Pessoa que mais me comovem é construído a partir de uma experiência de um toque.

Foi um momento
O em que pousaste
Sobre o meu braço,
Num movimento
Mais de cansaço
Que pensamento,
A tua mão

E a retiraste.
Senti ou não?

Não sei. Mas lembro
E sinto ainda
Qualquer memória
Fixa e corpórea
Onde pousaste
A mão que teve
Qualquer sentido
Incompreendido,
Mas tão de leve! [...]

Como se tu,
Sem o querer,
Em mim tocasses
Para dizer
Qualquer mistério,
Súbito e etéreo,
Que nem soubesses
Que tinha ser.

A mão toca o braço, sem pensar, para dizer... E daí surge um poema.

O olhar pode revelar amor ou morte. Mas o olhar exige distância para ver. O olhar não toca. Os olhos, para verem, têm de estar distantes da pele. O olhar promete, anuncia, ou o carinho ou o soco. Mas o olhar não é nem o carinho nem o soco. Carinho e soco são entidades do tato.

A audição também. Ouvir um poema pode ser uma experiência de amor (como no filme *O carteiro e o poeta*). Mas nenhum amante se contenta com a alegria que seus ouvidos lhe dão ao ouvir a voz da pessoa amada. A voz não basta. A conversa ao telefone é alegria. Mas o telefone terá de ser desligado sem que se realize a promessa de carinho que estava presente na voz. Beethoven escreveu uma sonata que recebeu o nome de *Sonata do adeus*. Ela se divide em três partes. Inicia-se com três acordes de profunda tristeza e que dizem vagarosamente: “Le-be-wohl” – “Adeus”. O segundo movimento é a “Ausência” – um tempo melancólico de tédio. Distância vazia. E o terceiro, de esfuziante alegria, o “Retorno”. Retorno é poder abraçar de novo, tocar, acariciar, beijar, fazer amor... A alegria dos ouvidos é mendiga. Ela está sempre mendigando o toque.

Recebi uma chamada telefônica a cobrar. Ao atendê-la, ouvi uma voz desconhecida que me ameaçava com um “grupo fortemente armado” caso não atendesse suas exigências. Eu não disse nada. Só desliguei o telefone. A voz, sozinha, não pode cumprir suas ameaças. A voz não pode perfurar o meu corpo.

O tato acontece quando a pele e, portanto, o meu corpo, é tocado por algo de fora (ou por ele mesmo...). Nisso está a sua delícia! Nisso está o seu perigo!

A primeira experiência do nenezinho ao vir ao mundo é a experiência do tato. Sem nada saber, sua boquinha já mama um objeto ausente. Fome, dirão. Não tenho tanta certeza. Se fosse fome, o nenezinho pararia de chorar somente depois que o leite fizesse seu trabalho tranquilizador no estômago. Mas não é assim. O nenezinho para de chorar imediatamente quando sua boca se ajusta ao seio. É uma experiência tátil de tanto prazer que permanece gravada inesquecivelmente em nossa memória erótica. É por isso que, mesmo depois de desmamados, os nenezinhos continuam à procura da experiência tátil original, completamente dissociada do leite. Está aí o segredo das chupetas: foram inventadas para substituir o

seio... Enquanto escrevia, fiz uma experiência mental: imaginei-me chupando uma chupeta. Senti-me meio ridículo, mas gostei. Imaginei, então, que talvez as pessoas que lutam para deixar o cigarro pudessem encontrar satisfação para o seu desejo chupando uma chupeta... Quem sabe o seu mal é saudade do seio, de qualquer seio...

E não será por isso que os homens sentem prazer em beijar o seio da mulher amada? Quando se beija o seio da mulher amada, não se pode ver o seu rosto e não é preciso ouvir a sua voz.

Mas o tato é, talvez, o sentido sobre o qual menos se tenha falado. Há uma filosofia dos olhos, uma filosofia do ouvido, uma filosofia da boca. Mas desconheço uma meditação filosófica sobre o tocar. E, no entanto, a pele é lugar de tantas alegrias. Lembro-me de uma cena do filme *Cidade dos anjos*. Quando o anjo apaixonado resolveu tornar-se humano, mesmo ao preço de perder sua imortalidade, ele entrou no mundo desconhecido das delícias do tato. Há uma cena em que ele está tomando um banho de chuveiro. Ah! Que experiência assombrosa de prazer e alegria! E, no entanto, é uma experiência que temos diariamente. Acontece que, em nossos rituais, ela

não é uma experiência erótica, mas simplesmente um automatismo prático da “caixa de ferramentas”.

Os prazeres do tato estão em todos os lugares. Só é necessário prestar atenção. Tive uma cólica renal. No hospital me trataram com Buscopan. Uma injeção. Duas. Três. Quatro. Aí eu já estava verde e comecei a vomitar de dor. O médico disse à enfermeira: “Aplica uma Dolantina...”. Ela aplicou. Cinco minutos depois eu estava no paraíso. Senti, então, o insuperável prazer de simplesmente não ter dor!

A forma escolar da tortura

Eu fui vítima dele. Por causa dele odiei a escola. Nas minhas caminhadas passadas eu o via diariamente. Naquela adolescente gorda, de rosto inexpressivo, que caminhava olhando para o chão. E naquela outra, magricela, sem seios, desengonçada, que ia sozinha para a escola. Havia grupos de meninos e meninas que iam alegremente, tagarelando, se exibindo, pelo mesmo caminho... Mas eles não convidavam nem a gorda nem a magricela. Dediquei-me a escrever sobre os sofrimentos a que crianças e adolescentes são submetidos em virtude dos absurdos das práticas escolares. Mas nunca pensei sobre os sofrimentos que colegas infligem a colegas seus. Talvez eu preferisse ficar na ilusão de que todas as crianças e todos os adolescentes são vítimas. Não são. Crianças e adolescentes podem ser cruéis.

Bullying é o nome dele. Fica o nome inglês porque não se encontrou palavra em nossa língua que seja capaz de dizer

o que *bullying* diz. *Bully* é o valentão: um menino que, em virtude de sua força e de sua alma deformada pelo sadismo, tem prazer em intimidar e bater nos mais fracos. Vez por outra crianças e adolescentes brigam por causa de desentendimentos. São brigas que têm uma razão. Acidentes. Acontecem e pronto. Não é possível fazer uma sociologia dessas brigas. Depois da briga os briguentos podem fazer as pazes e se tornar amigos de novo. Isso nada tem a ver com o *bullying*.

No *bullying* um indivíduo, o valentão, ou um grupo de indivíduos, escolhe a sua vítima que vai ser o seu "saco de pancadas". A razão? Nenhuma. Sadismo. Eles "não vão com a cara" da vítima. É preciso que a vítima seja fraca, que não saiba se defender. Se ela fosse forte e soubesse se defender, a brincadeira não teria graça. A vítima é uma peteca: cada um bate, e ela vai de um lado para o outro sem reagir. Do *bullying* pode-se fazer uma sociologia porque envolve muitas pessoas e tem continuidade no tempo. A cada novo dia, ao se preparar para a escola, a vítima sabe o que a aguarda.

Até agora tenho usado o artigo masculino – mas o *bullying* não é monopólio dos meninos. As meninas usam

outros tipos de força que não a força dos punhos. E o terrível é que a vítima sabe que não há jeito de fugir. Ela não conta aos pais, por vergonha e medo. Não conta aos professores, porque sabe que isso só poderá tornar a violência dos colegas mais violenta ainda. Ela está condenada à solidão. E ao medo acrescenta-se o ódio. A vítima sonha com vingança. Deseja que seus algozes morram. Vez por outra ela toma providências para ver seu sonho realizado. As armas podem torná-la forte.

Frequentemente, entretanto, o *bullying* não se manifesta por meio de agressão física, mas por meio de agressão verbal e atitudes. Isolamento, caçoada, apelidos.

Aprendemos dos animais. Um ratinho preso numa gaiola aprende logo. Uma alavanca lhe dá comida. Outra alavanca produz choques. Depois de dois choques o ratinho não mais tocará a alavanca que produz choques. Mas tocará a alavanca da comida sempre que tiver fome. As experiências de dor produzem afastamento. O ratinho continuará a não tocar a alavanca que produz choque, ainda que os psicólogos que fazem o experimento tenham desligado o choque e tenham ligado a alavanca à comida. Experiências de dor bloqueiam o desejo de explorar. O fato é que o

mundo do ratinho ficou ordenado. Ele sabe o que fazer. Imagine agora que uns psicólogos sádicos resolvam submeter o ratinho a uma experiência de horror: ele levará choques em lugares e momentos imprevistos ainda que não toque nada. O ratinho está perdido. Ele não tem formas de organizar o seu mundo. Não há nada que ele possa fazer. Os seus desejos, eu imagino, seriam dois. Primeiro: destruir a gaiola, se pudesse, e fugir. Isso não sendo possível, ele optaria pelo suicídio.

Edimar era um jovem tímido de 18 anos que vivia na cidade de Taiuva, no estado de São Paulo. Seus colegas fizeram-no motivo de chacota porque ele era muito gordo. Puseram-lhe os apelidos de “gordo”, “mongoloide”, “elefante cor-de-rosa” e “vinagrão”, por tomar vinagre de maçã todos os dias, no seu esforço para emagrecer. No dia 27 de janeiro de 2003 ele entrou na escola armado e atirou contra 6 alunos, 1 professora e o zelador, matando-se a seguir.

Luis Antônio, garoto de 11 anos. Mudando-se de Natal para Recife, por causa do seu sotaque passou a ser objeto da violência de colegas. Batiam-lhe, empurravam-no, davam-lhe murros e chutes. Na manhã do dia fatídico, antes

do início das aulas, apanhou de alguns meninos que o ameaçaram com a “hora da saída”. Por volta das 10h30, saiu correndo da escola e nunca mais foi visto. Um corpo com características semelhantes ao dele, em estado de putrefação, foi conduzido ao IML para perícia.

Achei que seria próprio falar sobre o *bullying* na sequência de minha crônica “O tato” que se iniciou com esta afirmação: “O tato é o sentido que marca, no corpo, a divisa entre Eros e Tâ-natos. É através do tato que o amor se realiza. É no lugar do tato que a tortura acontece”. *Bullying* é a forma escolar da tortura.

Como o seio...

Ai, que mau teórico eu sou! Não admira que rigorosos professores de pós-graduação frequentemente repreendam seus orientandos por incluir citações minhas nos seus projetos de tese! “Rubem Alves não é cientista. Ele é um escritor!” Eles estão cobertos de razão. Não sou cientista. A ciência pensa através de conceitos abstratos. Eu penso através de imagens. São as imagens que me fazem pensar. Mais do que isso: é através das imagens que tento ensinar. E, ao convocar minhas ideias para escrever esta crônica, foram imagens que acudiram ao meu pedido de socorro.

Eu me vi viajando com meus filhos pequenos de 8 e 6 anos de idade. Do lado de fora do carro cenários deslumbrantes, uma festa para os olhos. Eu, pai educador, queria contribuir para a educação dos sentidos dos meus meninos. Mostrava-lhes os cenários. Queria que eles aprendessem a alegria de ver. Mas eles não viam. Não

demonstravam o menor interesse pelas longínquas montanhas que me tiravam o fôlego. Para me apaziguar e para que eu não os chateasse mais, talvez dissessem: “Que legal!”, mas era da boca para fora. Logo voltavam ao seu foco de interesse: o espaço apertado do banco de trás do carro onde se encontravam. E ali ficavam absortos, brincando com seus carrinhos de plástico. Custou-me tempo para compreender que as crianças veem com as mãos. O puro “ver” não lhes é suficiente. O “ver” só lhes interessa como meio para tocar um objeto. Pegar para ver.

É o tato que dá sentido à vista. O nenezinho vê, estende seus braços, pega o objeto e o leva à boca. A boca, uma dupla função. Primeira: ela suga o leite do seio da mãe. Função prática. O seio como objeto da “caixa de ferramentas”. Segunda: a boca sente a maciez deliciosa do seio. Prazer tátil. O seio como objeto da “caixa de brinquedos”. Mesmo depois que o seio seca, cessando assim sua função prática de alimentar, a criança quer continuar a sugar. Por que esse gesto inútil? Porque a sensação tátil é gostosa. Essa relação primitiva boca-seio contém toda uma teoria metafísica: o mundo é comida. Mais do que comida; o mundo é macio. É por isso que aquele que

ama deseja beijar o seio da mulher amada. Parodiando Santo Agostinho: “O que é que beijo quando beijo o seio da mulher amada?”. Rilke via, no rosto da amada, estrelas e constelações tranquilas. Beijo o seio, sim, mas também uma outra coisa: um mundo que deve ter a maciez do seio. Os ursinhos de pelúcia que as crianças abraçam – e os travesseiros macios e perfumados que abraçamos – não contêm eles uma lição de metafísica semelhante, uma teoria de como o mundo deveria ser?

Bachelard chama a nossa atenção para a “obsessão óptica” da nossa tradição científica. A palavra teoria vem do grego *theoria*, que quer dizer “contemplar”, “olhar”. Mas, para ver, é preciso que o objeto esteja distante dos olhos e, portanto, do corpo. Nossa tradição separou a visão do toque. As crianças se recusam a esse corte. Nas lojas de brinquedos, os pais conscientes dizem aos filhos pequenos: “Mãozinha para trás...”. Eles sabem que, nas crianças, a visão quer tocar. Bachelard nos pergunta, então, se a matéria não tem uma realidade que só pode ser conhecida pelo tato. O jeito de cumprimentar, de abraçar, não dá a conhecer uma pessoa? Um “toque” no braço de Fernando

Pessoa o levou a uma experiência de mundo. É assim que ele termina o seu poema:

Assim a brisa
Nos ramos diz
Sem saber
Uma imprecisa
Coisa feliz.

Não é o toque apenas pelo prazer. É o toque para aprender.

Veja os livros, por exemplo. Todos sabem que os livros são para ser lidos. Eles são dados à visão. Mas antes de gozar a sua leitura, eu gozo um livro como objeto tátil. Eu o seguro nas minhas mãos, sinto a textura da capa, das folhas. Nós os conhecemos primeiro com as mãos. Há livros que pedem para ser acariciados, alisados. Minha mão alisando um livro: essa experiência pode provocar meu desejo de lê-lo, ou não.

O tato contém um saber. Talvez, uma provocação ao saber, faz-nos pensar. Teríamos então de pensar o tato como uma das experiências essenciais que devem

acontecer no espaço escolar. O tato incita a inteligência. Há muitos pensamentos que brotam das mãos. Uma mão ferida pensa um martelo. Por que haveria o cérebro de pensar o martelo se a mão não estivesse ferida? Uma mão que segura um cassetete tem, necessariamente, de fazer o cérebro pensar em golpes, da mesma forma como um revólver na mão, ainda que sem balas, nos obriga a fazer pontaria. A ostra constrói a pérola por causa do tato. O grão de areia a faz sofrer. Seu corpo então pensa uma coisa lisa que não a faça sofrer...

Nunca li nada sobre a relação entre o tato e a inteligência. Estas são minhas primeiras ideias. Não sei como ligá-las ao espaço escolar. Mas sei que o espaço escolar deve ser como o seio. Deve dar leite e deve ser macio. Como o seio da dona Clotilde...

PARTE 2

E mais...

É brincando que se aprende

O professor Pardal gostava muito do Huguinho, do Zezinho e do Luizinho e queria fazê-los felizes. Inventou, então, brinquedos que os fariam felizes sempre, brinquedos que davam certo sempre: uma pipa que voava sempre, um pião que rodava sempre e um taco de beisebol que acertava sempre na bola. Os três patinhos ficaram felicíssimos ao receberem os presentes e se puseram logo a brincar com seus brinquedos que funcionavam sempre. Mas a alegria durou pouco. Veio logo o enfado. Porque não existe nada mais sem graça que um brinquedo que dá certo sempre.

Brinquedo, para ser brinquedo, tem de ser um desafio. Brinquedo é um objeto que, olhando para mim, me diz: “Veja se você pode comigo!”. O brinquedo me põe à prova. Testa as minhas habilidades. Qual é a graça de armar um quebra-cabeça de 24 peças? Pode ser desafio para uma criança de 3 anos, mas não para mim. Já um quebra-cabeça

de 500 peças é um desafio. Quero juntar as suas peças! E, para isso, sou capaz de gastar meus olhos, meu tempo, minha inteligência, meu sono...

Qualquer coisa pode ser um brinquedo. Não é preciso que seja comprado em lojas. Na verdade, muitos dos brinquedos que se vendem em lojas não são brinquedos precisamente por não oferecerem desafio algum. Que desafio existe numa boneca que fala quando se aperta a sua barriga? Que desafio existe num carrinho que anda ao se apertar um botão? Como os brinquedos do professor Pardal, eles logo perdem a graça. Mas um cabo de vassoura vira um brinquedo se ele faz um desafio: “Vamos, equilibre-me em sua testa!”. Quando eu era menino, eu e meus amigos fazíamos competições para saber quem era capaz de equilibrar um cabo de vassoura na testa por mais tempo. O mesmo acontece com uma corda no momento em que ela deixa de ser coisa para se amarrar e passa a ser coisa de se pular. Laranjas podem ser brinquedos? Meu pai era um mestre em descascar laranjas sem arrebentar a casca e sem ferir a laranja. Para o meu pai a laranja e o canivete eram brinquedos. Eu olhava para ele e tinha inveja. Assim, tratei de aprender. E ainda hoje, quando vou descascar uma

laranja, ela vira brinquedo nas minhas mãos ao me desafiar: “Vamos ver se você é capaz de tirar a minha casca sem me ferir e sem deixar que ela arrebente...”.

Para um alpinista o Aconcágua é um brinquedo: é um desafio a ser vencido. Mas um morrinho baixo não é brinquedo porque é muito fácil; não é desafio. Ao escalar o Aconcágua, ele está medindo forças com a ameaçadora montanha! E pelo desafio dos picos os alpinistas arriscam a vida, e muitos morrem. Parodiando o Riobaldo: “Brincar é muito perigoso...”.

Há brinquedos que são desafios ao corpo, à sua força, habilidade, paciência... E há brinquedos que são desafios à inteligência. A inteligência gosta de brincar. Brincando, ela salta e fica mais inteligente ainda. Brinquedo é tônico para a inteligência. Mas se ela tem de fazer coisas que não são desafio, ela fica preguiçosa e emburrecida. Todo conhecimento científico começa com um desafio: um enigma a ser decifrado! A natureza desafia: “Veja se você me decifra!”. E aí os olhos e a inteligência do cientista se põem a trabalhar, para decifrar o enigma. Assim aconteceu com Kepler, cuja inteligência brincava com o movimento dos planetas. Assim aconteceu com Galileu, que, ao observar a

natureza, tinha a suspeita de que ela falava uma linguagem que ele não entendia. Pôs-se então a observar e a pensar (ciência se faz com estas duas coisas, olho e cérebro!), até que conseguiu decifrar o enigma: a natureza fala a linguagem da matemática! E até hoje os cientistas continuam a brincar o mesmo brinquedo descoberto por Galileu. Aconteceu assim também com um monge chamado Mendel. No seu mosteiro havia uma horta onde cresciam ervilhas. Os outros monges, vendo as ervilhas, pensavam em sopa. Mas Mendel percebeu que elas escondiam um segredo. E ele tanto fez que acabou por descobrir o seu segredo que nos revelou o incrível mundo da genética. E não é esse mesmo jogo que faz a criança que está começando a aprender a ler? Ela olha para as palavras – ervilhas – e tenta decifrar a palavra que elas formam. Tudo é brinquedo!

Congressos de educação: a gente pensa logo em professores, psicólogos, *papers* científicos, filósofos... Estive em um, na Itália, diferente, onde havia muitas crianças. E havia uma oficina em que um “mestre” ensinava às crianças a arte de fazer brinquedos. Um deles era um par de pregos grandes, tortos, entrelaçados que, se a gente for inteligente,

consegue separar. Gastei uns bons dez minutos lutando com os pregos, absorvido, inutilmente. De repente me perguntei: “Por que eu estava assim gastando o meu tempo com um par de pregos?”. Eu lutava com os pregos pelo desafio. Eu queria provar que podia com eles... Repentinamente percebi que a primeira tarefa do professor é, à semelhança dos pregos, entortar a sua “disciplina” (ô palavra feia, imprópria para uma escola!) para transformá-la num brinquedo que desafie a inteligência do aluno. Pois não é isso que são a matemática, a física, a química, a biologia, a história, o português? Brinquedos, desafios à inteligência. Mas, para isso, é claro, é preciso que o professor saiba brincar e tenha uma cara de criança, ao ensinar. Porque cara feia não combina com brinquedo...

Aprendo porque amo

Recordo a Adélia: “Não quero faca nem queijo; quero é fome”. Se estou com fome e gosto de queijo, eu como queijo. Mas... e se eu não gostar de queijo? Procuro outra coisa de que goste: banana, pão com manteiga, chocolate... Mas as coisas mudam de figura se minha namorada for mineira, gostar de queijo e for de opinião que gostar de queijo é uma questão de caráter. Aí, por amor à minha namorada, eu trato de aprender a gostar de queijo.

Me lembro do filme *Assédio*. A estória se passa numa cidade do norte da Itália ou da Suíça. Um pianista vivia sozinho numa casa imensa que havia recebido como herança. Ele nem conseguia cuidar da casa sozinho nem tinha dinheiro para pagar uma faxineira. Aí ele propôs uma troca: ofereceu moradia para quem se dispusesse a fazer os serviços de limpeza. Apresentou-se uma jovem negra, recém-vinda da África, estudante de medicina. Linda! A

jovem fazia medicina ocidental com a cabeça, mas o seu coração estava na música da sua terra, nos atabaques, no ritmo, na dança. Enquanto varria e limpava, sofria ouvindo o pianista tocando uma música horrível: Bach, Brahms, Debussy... Aconteceu que o pianista se apaixonou por ela. Mas ela não quis saber de namoro, achou que se tratava de assédio sexual e despachou o pianista, falando sobre o horror da música que ele tocava. O pobre pianista, humilhado, recolheu-se à sua desilusão, mas... uma grande transformação aconteceu: ele começou a frequentar os lugares onde se tocava música africana. Até que aquela música diferente entrou no seu corpo e deslizou para os seus dedos. E, de repente, a jovem de vassoura na mão começou a ouvir uma música diferente, música que mexia com o seu corpo e suas memórias... E foi assim que se iniciou uma estória de amor atravessado: ele, por causa do seu amor pela jovem, aprendendo a amar uma música que até ali fazia mal à sua alma, e a jovem, por causa do seu amor pela música africana, aprendendo a amar o pianista que não amara. Sabedoria da psicanálise: frequentemente a gente aprende a gostar de queijo através do amor pela namorada que gosta de queijo...

Isso me remete a uma inesquecível experiência infantil. Eu estava no primeiro ano do grupo. A professora era a dona Clotilde. Pois ela fazia o seguinte: assentava-se numa cadeira bem no meio da sala, num lugar onde todos a veriam – acho que fazia de propósito, por maldade –, desabotoava a blusa até o estômago, enfiava a mão dentro dela e puxava para fora um seio lindo, liso, branco, aquele mamilo atrevido... E nós, meninos, de boca aberta... Mas isso durava não mais que cinco segundos, porque ela logo pegava o nenezinho e o punha para mamar. E lá ficávamos nós, sentindo coisas estranhas que não entendíamos: o corpo sabe coisas que a cabeça não sabe. Terminada a aula, os meninos faziam fila junto à dona Clotilde, pedindo para carregar a pasta. Quem recebia a pasta era um felizardo, invejado. Como diz o velho ditado: “Quem não tem seio carrega pasta...”. Mas tem mais: o pai da dona Clotilde era dono de um botequim onde se vendia um doce chamado matafome, de que nunca gostei. Mas eu comprava um matafome e ia para casa comendo o matafome bem devagarzinho... Poeticamente trata-se de uma metonímia: o matafome era o seio da dona Clotilde...

“Ridendo dicere severum”: rindo, dizer as coisas sérias... Pois rindo estou dizendo que frequentemente se aprende uma coisa de que não se gosta por se gostar da pessoa que a ensina. E isso porque – lição da psicanálise e da poesia – o amor faz a magia de ligar coisas separadas, até mesmo contraditórias. Pois a gente não guarda e agrada uma coisa que pertenceu à pessoa amada? Mas a “coisa” não é a pessoa amada! “É sim!”, dizem poesia, psicanálise e magia: “a ‘coisa’ ficou contagiada com a aura da pessoa amada”. Minha avó guardava uns bichinhos que haviam pertencido a um filho que morrera. Guardo um peso de papel, de vidro, que pertenceu ao meu pai. E os apaixonados guardam uma peça de roupa da pessoa amada e a colocam sobre o travesseiro, ao dormir... Mesmo depois de ela ter morrido. É como se, através daquela “coisa” que não é a pessoa amada, fosse possível tocar e acariciar a pessoa amada, ausente.

Pois o mesmo mecanismo acontece na educação. Quando se admira um mestre, o coração dá ordens à inteligência para aprender as coisas que o mestre sabe. Saber o que ele sabe passa a ser uma forma de estar com ele. Aprendo porque amo, aprendo porque admiro. Sabendo

o que ele sabe, eu carrego a sua pasta, como o “matafome”, faço amor com ele.

Lamento dizer isto: tive poucos mestres que admirasse. Lembro-me de um que admiro até hoje, embora já se tenham passado mais de cinquenta anos: Leônidas Sobrinho Porto. Professor de literatura, nunca nos atormentou com informações sobre nomes e escolas literárias. Ele sabia que não aprenderíamos. Mas, quando ele se punha a falar, era como se estivesse possuído. Falava com tal paixão sobre as grandes obras literárias que era impossível não ser contagiado. Eu o admirava porque nele brilhava a beleza da literatura, queijo de que eu não gostava. Ele me fez amar a literatura.

A dona Clotilde nos dá a lição de pedagogia: quem deseja o seio, mas não pode prová-lo, realiza o seu amor poeticamente, por metonímia: carrega a pasta e come.

Se nós não sabemos, por que é que eles têm de saber?

Eu confesso: se tentasse entrar na universidade via vestibular, não passaria. Meu consolo é saber que eu não estaria sozinho. Teria muitos companheiros. Os reitores de nossas grandes universidades seriam os primeiros. A seguir, respeitáveis professores e pesquisadores. Talvez não passassem nem mesmo em suas próprias disciplinas. É duvidoso que um professor, que há anos se dedica a pesquisas de biologia molecular, ainda se lembre de como resolver problemas estatísticos de genética. Também os professores dos cursinhos: cada um passaria brilhantemente na disciplina de sua especialidade. Mas é duvidoso que um professor de português consiga resolver problemas de química ou física. Com eles, os professores que elaboram as questões às quais os alunos terão de responder. Para eles, vale o que foi dito sobre os professores dos cursinhos. Por

fim, os diretores das empresas que preparam os vestibulares... Essa hipótese desaforada poderia ser testada facilmente: bastaria que os personagens acima mencionados se submetessem aos vestibulares. Claro, seria proibido que se preparassem. O objetivo seria testar o que foi realmente aprendido. O que foi realmente aprendido é aquilo que sobreviveu à ação purificadora do esquecimento. O aprendido é aquilo que fica depois que o esquecimento faz o seu trabalho...

Vestibulares: porta de entrada para a universidade? Seria bom se sua função se limitasse a isso. O sinistro está não no que é dito, mas no que permanece não dito: os vestibulares são um dragão devorador de inteligências cuja sombra se alonga para trás, cobrindo adolescentes e crianças. Desde cedo pais e escolas sabem que a escola deve preparar para os vestibulares. Os vestibulares, assim, determinam os padrões de conhecimento e inteligência a serem cultivados. Mas não existe nada mais contrário à educação que os padrões de conhecimento e inteligência que os vestibulares estabelecem.

O escritor Mário Prata escreveu uma crônica sobre as meninas jogadoras de voleibol. Era uma crônica leve, bem-

humorada, picante. Era impossível não sorrir ao lê-la. Lida, ficava para sempre na memória, pois a memória guarda o que deu prazer. Passados alguns meses ele fez referência a ela numa crônica dirigida, se não me engano, ao senhor ministro da Educação. É que sua primeira crônica fora usada, na íntegra, num exame vestibular. Para um escritor, ter uma crônica transcrita, na íntegra, num exame vestibular, equivale a uma consagração. Mário Prata estava felicíssimo. Exceto por um detalhe: os examinadores, para transformar sua crônica em objeto de exame, prepararam uma série de questões sobre ela, cada uma com várias alternativas. Mário Prata resolveu então brincar de vestibulando. Tentou responder às questões. Não acertou uma! (Eu me saí pior do que ele. Tentei responder às questões, mas houve algumas que nem mesmo entendi!) Se o vestibular fosse para valer, ele teria zerado no texto que ele mesmo escrevera. Ele se dirigiu então ao senhor ministro da Educação, comentando esse absurdo. E perguntou se não teria sido muito mais inteligente se os examinadores, gramáticos, tivessem pedido que os moços escrevessem um parágrafo, provocados por seu artigo. Aqueles saberes esotéricos que lhes eram pedidos nunca

teriam qualquer uso em sua vida. Compreende-se que, como resultado do seu preparo para o vestibular, os jovens passem a detestar literatura.

Minha filha queria ser arquiteta. Como não havia outro caminho, matriculou-se num cursinho. Eu a via sofrer tendo de memorizar coisas que não lhe faziam sentido. Fiquei com dó e, por solidariedade, resolvi fazer um sacrifício: passei a estudar com ela. Estudei meiose e mitose, as causas da Guerra dos Cem Anos, cruzamento de coelhos brancos com coelhos pretos... Estudei também, contra a vontade e sem interesse, a necropsia da língua chamada análise sintática. Não sei para que serve. E dizia à minha filha, à guisa de consolo: “Você tem de aprender essas coisas que você não quer aprender porque a burocracia oficial assim determinou. Mas não se aflija. Passados dois meses, quase tudo terá sido esquecido. Só sobrarão os conhecimentos que fazem sentido...”.

Pergunto a você, meu leitor: de tudo o que você teve de estudar para passar no vestibular, o que sobrou?

Por que nós, professores universitários, não passaríamos no vestibular? Por termos memória fraca? Não. Por termos memória inteligente. Burras não são as memórias que

esquecem, mas as memórias que nada esquecem... A memória inteligente esquece o que não faz sentido. A memória viaja leve. Não leva bagagem desnecessária.

E aí eu pergunto: se nós, professores já dentro da universidade, não passaríamos nos exames vestibulares, por que é que os jovens que ainda estão fora têm de passar? É irracional. Especialmente em se considerando que irá acontecer com eles aquilo que aconteceu conosco: esquecerão... Haverá uma justificação pedagógica para esse absurdo? Ainda não a encontrei.

A sombra enorme...

Fernando Pessoa – quem diria? – foi ideólogo da Coca-Cola... Quem me revelou isso foi o professor Ademar Ferreira dos Santos, educador português, da Escola da Ponte, em Portugal. Pois ele me contou que, nos idos da década de 1920, Fernando Pessoa, precisando ganhar dinheiro para sobreviver, passou a trabalhar para uma empresa de propaganda. A Coca-Cola estava chegando, desconhecida, de gosto estranho, precisava de uma cunha poética que lhe abrisse o caminho. Foi então que Fernando Pessoa produziu este curtíssimo *slogan*: "A princípio estranha-se. Depois, entranha-se".

Absolutamente genial! Aconteceu comigo. Caipira de Minas mudado para o Rio, acostumado a tomar refresco de pitanga, achei a Coca-Cola uma coisa horrível, com gosto de verniz misturado com sabão. Aí, aos poucos, na roda dos colegas cariocas que tomavam Coca-Cola com prazer, a

metamorfose foi acontecendo. O *estranhamento* se transformou em *entranhamento*. E continua, a despeito da minha resistência ideológica. Como disse Barthes, “meu corpo não tem as mesmas ideias que eu”. Disse tudo isso porque sei que você irá estranhar a ideia que vou apresentar. Quando eu a digo pela primeira vez, a reação imediata dos meus ouvintes é susto, seguido por riso... “Não é possível que o Rubem esteja falando sério. Essa é mais uma de suas brincadeiras...”

Não, não é brincadeira. Estou falando sério e peço que você, meu leitor, se ponha a repetir: “A princípio estranha-se. Depois, entranha-se...”. Peço que você tenha para com minha ideia estranha a mesma atitude que teve diante da estranha Coca-Cola.

Tudo começou há muitos anos, na Unicamp, quando um grupo de amigos se reuniu para estudar a possibilidade de um vestibular inteligente. Porque esse que existe não é inteligente. Pelo contrário. Minha amiga Vilma Cloris de Carvalho, educadora extraordinária, professora de neuroanatomia, me revelou que seus piores alunos eram aqueles que tinham obtido as notas mais altas no vestibular. “Eu explico a complexidade do funcionamento do aparelho

nervoso, mostro-lhes o caráter provisório das hipóteses de que dispomos, falo sobre uma, falo sobre outra... E aí há sempre um desses gênios que tiraram as notas mais altas que se sai com a pergunta: 'Mas, professora, qual é a resposta certa?...'". Ah! Essa simples pergunta contém um mundo de "desensinos"... Nós queríamos um vestibular que fizesse bem à inteligência, que testasse a capacidade dos alunos de pensar diante de situações novas, em oposição àquele que privilegiava a memória mecânica e as respostas certas.

Um dia, num intervalo entre as discussões, o meu amigo professor Yaro Burian Jr., engenheiro do ITA, me disse com um sorriso: "A melhor solução é o sorteio...". Estranhei. Refuguei. O Yaro devia estar me gozando. Sorteio, coisa injusta! Vai privilegiar os incompetentes! Ri. Aí ele não explicou nada e só me disse: "Pense...". Pus-me a pensar e não parei até hoje. Ao estranhamento seguiu-se o entranhamento. Hoje eu repito: "O sorteio é a solução mais inteligente e mais educativa". Agora eu preciso explicar o caminho do meu pensamento.

"Funções manifestas" e "funções latentes" são conceitos criados pelo sociólogo Robert K. Merton. Esses conceitos são

ferramentas de pensamento que sempre me ajudam a pensar. Vou explicar o seu sentido (que é o mesmo que dizer “vou explicar o seu uso”. O sentido de uma ideia é o uso que fazemos dela). Pergunta: Qual é a função da exigência de que, para ser aprovado, o aluno tenha de ter frequentado 75% das aulas? Resposta da função manifesta: a frequência a 75% das aulas é condição para se manter a qualidade do ensino. Resposta da função latente: a frequência a 75% das aulas é condição para que os professores medíocres e incompetentes tenham sempre alunos em suas aulas que, de outra forma, estariam vazias, livrando-os assim da vergonha... Funções latentes correspondem aos “efeitos colaterais” das bulas dos remédios: função manifesta, curar; função latente, pode matar...

Qual é a função manifesta dos exames vestibulares? O nome está dizendo: vestíbulo. Vestíbulo é lugar de entrada. Exames vestibulares: exames para se conseguir entrar no lugar desejado. Mas a minha atenção não se interessa por essa função manifesta. Interessam-me suas funções latentes, seus efeitos colaterais de que poucos se dão conta. Assim, ao falar de exames vestibulares, eu não olho

para a frente, para a universidade. Olho para trás e contemplo a sua sombra enorme, cobrindo todos os processos escolares que os antecedem. Observo a progressiva instalação dos processos de tortura a que crianças e adolescentes têm de se submeter, tirando toda a alegria da experiência de aprender.

Deixo para você, leitor, este “dever de casa”: identificar a presença e o poder da “sombra enorme”...

Inúteis e perniciosos

Resumindo: os vestibulares são, em primeiro lugar, inúteis. Um leitor, assustado com minha sugestão insólita de que os vestibulares sejam substituídos por um sorteio, enviou-me um e-mail em que me acusava de estar trocando um critério baseado na competência – critério racional, portanto – por um critério baseado na sorte, coisa irracional.

Mas eu pergunto a você, que conseguiu sobreviver à câmara de torturas: o vestibular o tornou competente em quê? Competência tem a ver com a capacidade de resolver problemas reais, situações tais como elas aparecem na vida. Em quê o preparo para os vestibulares o tornou competente? Eu me arrisco a dizer que a única competência que o preparo para os vestibulares desenvolve é... a efêmera capacidade de passar nos vestibulares... Efêmera, que dura apenas um dia. Tanto esforço, tanto sofrimento, para nada. Pois, como já demonstramos, essa capacidade

logo desaparece no buraco negro do esquecimento. A memória é uma função da vida, do corpo. E o corpo não é bobo. Aquilo que não é instrumental para a vida é logo esquecido.

Pense na memória como um escorredor de macarrão. Um escorredor de macarrão é uma bacia cheia de furos. A gente põe o macarrão na água fervente para amolecer. Amolecido o macarrão, é preciso livrar-se da água. Joga-se então macarrão e água no escorredor. A água escorre pelos furos, e o macarrão fica. A memória é assim: ela se livra do que não tem serventia por meio do esquecimento. E o que é que tem serventia? Duas coisas apenas.

Primeiro, coisas que são úteis, conhecimentos-ferramentas, conhecimentos que nos ajudam a entender e a fazer coisas. (Note, por favor, que a utilidade é variável. Para os esquimós é conhecimento-instrumental a arte de fazer iglus. Mas esse conhecimento é inútil para beduínos no deserto. Para eles o instrumental é fazer tendas. Conhecimentos que são úteis para as crianças das praias de Alagoas são totalmente inúteis para as crianças que vivem nas montanhas de Minas. Daí o absurdo dos programas que ensinam ferramentas em geral, como os nossos.)

A outra coisa que tem serventia são os prazeres. Prazeres não são ferramentas. Não têm uma função prática. Mas dão alegria. Dão sentido à vida. O corpo não se esquece dos prazeres. Educar, assim, tem a ver com as duas caixas que o corpo carrega: a caixa de ferramentas e a caixa de brinquedos. Na caixa de ferramentas estão os conhecimentos que são meios para viver. Na caixa de brinquedos estão os conhecimentos que nos dão razões para viver. E eu pergunto: que ferramentas o preparo para os vestibulares lhe deu? Que prazeres? Ao final, o escorredor de macarrão fica vazio: não havia macarrão, só havia água.

Mas, além de serem inúteis, os vestibulares são perniciosos por deformarem a capacidade de pensar dos nossos jovens. O que é mais importante, saber as respostas ou saber fazer as perguntas? Se você me disser que o mais importante é saber as respostas, eu lhe digo: você ou já está obsoleto ou está a caminho da obsolescência. Porque uma das características do nosso momento histórico é o caráter efêmero das respostas. Quem sabe as respostas logo fica sabendo nada.

Pensar não é saber as respostas. Pensar é saber fazer perguntas. Sobre esse assunto aconselho a leitura do prefácio de *Crítica da razão pura*, de Kant, em que ele diz precisamente isto: que o conhecimento se inicia com as perguntas que fazemos à natureza. Mas essas perguntas surgem quando nós, ao contemplarmos a natureza, nos sentimos provocados por seus assombros. O início do pensamento se encontra nos olhos que têm a capacidade de se assombrar com o que veem. Mas é precisamente isto, os olhos assombrados, que o preparo para os vestibulares destrói. Vestibulares são cega-olhos...

Schopenhauer tem um curto e delicioso texto sobre livros e leitura em que ele diz o seguinte: “Quando lemos, outra pessoa pensa por nós: só repetimos o seu processo mental”. Segue-se que “aquele que lê muito ou quase o dia inteiro... perde paulatinamente a capacidade de pensar por conta própria”. Que é o caso de muito eruditos: “leram até ficar estúpidos”. Coisa semelhante acontece com aqueles que se preparam para os vestibulares: de tanto serem treinados para dar as respostas certas, acabam por perder a capacidade de fazer perguntas, que é a essência do pensamento inteligente. O preparo para os vestibulares,

assim, é um processo estupidificador, um mecanismo pernicioso para a inteligência. Acrescente-se a isso o fato de que, devido à fúria da competição, os candidatos, no seu preparo, são forçados a abandonar tudo aquilo que tem a ver com a “caixa de brinquedos”, o que provoca um embrutecimento da sua sensibilidade.

O maior benefício da abolição dos vestibulares seria este: as escolas estariam finalmente livres dessa guilhotina horrenda no horizonte e poderiam se dedicar à tarefa de educar, de desenvolver a arte de pensar, que nada tem a ver com o preparo para os vestibulares.

Se for por sorteio...

Não me lembro direito, mas é mais ou menos assim um poeminha que Mário Quintana escreveu sobre as utopias:

Se as coisas são inatingíveis... ora!
não é motivo para não querê-las...
Que tristes os caminhos, se não fora
a mágica presença das estrelas!

Na noite escura da estupidez dos vestibulares sugiro que, por um momento, brinquemos sob a luz mágica de uma estrela... Imaginemos que os vestibulares serão substituídos por um sorteio. Quais seriam as consequências?

1. A primeira consequência seria o imediato fechamento dos cursinhos. Não teriam mais razão para existir. As classes mais abastadas, que podem pagar o preço, não teriam como gastar o seu dinheiro. (Uma curiosidade: alguém já fez

um cálculo de quanto dinheiro se gasta anualmente no preparo para esse ritual inútil? Quanto vale o mercado dos vestibulares? Sei que é muito dinheiro...)

2. O maior estrago que os vestibulares fazem sobre a educação está no fato de que são eles que estabelecem o modelo de inteligência a ser cultivado. Essa é a razão por que as escolas "fortes" se dedicam a treinar os seus alunos a responder as perguntas e a resolver os problemas que caíram em vestibulares anteriores. É irônico que os professores que preparam tais questões o façam na total ignorância de que suas escolhas irão determinar o destino da inteligência das crianças e adolescentes. E os pais, procurando o melhor para os seus filhos, optam pelas escolas "fortes" que "preparam para o vestibular"... Livres da guilhotina dos vestibulares, as escolas poderiam então se dedicar à tarefa de educar. Literatura por puro prazer, sem ter de ler dinamicamente resumos dos clássicos. Poderiam levar os alunos pelos caminhos da pintura, da poesia, da música, da história, da ciência... Infinitamente mais importantes que as três leis de Kepler sobre o movimento dos planetas são os dezoito anos de suas pesquisas. Haveria lugar para o sonho dos alunos. A

importância dos sonhos? Todo conhecimento começa no sonho. Não é à toa que Pólya, matemático húngaro que ensinou na Universidade de Stanford, no seu curto livro sobre a arte de resolver problemas, tenha aconselhado: “Comece pelo fim”. A resolução do problema é a ponte que se constrói para chegar a esse fim – se é que o aprendiz o sonhou. Primeiro o sonho da casa; depois os conhecimentos práticos necessários para construir a casa. Primeiro o sonho das asas; depois a milenar investigação de como voar como as aves. Um amigo meu, Polykarp Kusch, prêmio Nobel de Física e então presidente da Universidade de Colúmbia, me confessou que, após ganhar o prêmio Nobel, abandonou a pesquisa e passou a se dedicar ao ensino, não dos pós-graduados, mas dos jovens. E os seus cursos começavam sempre com a mesma pergunta: “O que é necessário pressupor para que se faça a ciência da física?”. A resposta é simplíssima, embora seja necessária uma longa gravidez e um longo trabalho de parto para que ela surja dentro dos alunos. Dizê-la, simplesmente, de mão beijada aos estudantes, não funciona. Porque nós só entendemos realmente quando o conhecimento é construído como ponte, passo a passo. Conhecer é construir pontes entre o

sonho, estrela distante, e o lugar onde me encontro. A resposta é a seguinte: para se fazer física, é preciso pressupor que o universo seja ordenado e racional. Os grandes físicos estão em busca dessa ordem universal. O seu sonho é decifrar as regras desse xadrez fantástico que é o universo. As escolas como “sonhatórios” (pois não há “escritórios”?) de onde nasce o pensamento inteligente!

3. Muito embora haja raras exceções, a regra é que os cursinhos sejam o caminho para passar nos vestibulares e entrar na universidade. Mas os vestibulares e suas crias, os cursinhos, são uma porta estreita que tem uma clara “opção preferencial pelos ricos”. Entram nas universidades públicas gratuitas os que têm mais dinheiro. Os mais pobres ficam de fora. Têm de se contentar com universidades particulares pagas, se é que podem. O atual sistema é, assim, um jogo de cartas marcadas. Injusto socialmente. Com o sorteio, todos, ricos e pobres, teriam oportunidades iguais. Já se fez a sugestão de cotas para os negros, que estão entre os mais seriamente discriminados pela porta estreita. Mas esse artifício não resolve os problemas educacionais que indiquei, produzidos pelos vestibulares. E é provável que crie uma séria consequência social. Seria impossível evitar

que os “brancos” que “quase entraram” não desenvolvessem uma raiva surda contra “os negros que entraram por favor”, culpados de eles terem ficado de fora.

4. Os ricos, vendo que a loteria é cega e ignora a riqueza, e vendo que os seus filhos não são sorteados, liberados que estão de todas as despesas que tinham anteriormente com os cursinhos, passariam a dispor desses recursos para criar excelentes universidades particulares, sem que o governo tivesse necessidade de fazer qualquer investimento.

5. Eu sou pai. Meus filhos tiveram que frequentar cursinhos e fazer vestibular. Sei do sofrimento dos pais. Dói muito ver o filho ser reprovado depois de ter passado um ano miserável estudando como um louco coisas que não fazem sentido e serão esquecidas. Tais como:

I. Calcule o logaritmo neperiano da enésima potência da própria base.

II. O fenômeno da trissomia é provocado pela:

simples deleção dos cromossomos;

não disjunção das cromátides;

não reversão que ocorre na diacinese;

translocação do cromossoma na mitose.

III. Nos peixes cartilaginosos encontramos a tiflosolis, dobra intestinal também encontrada em:

poríferos;

platelmintes;

asquelmintes;

anelídeos;

moluscos.

IV. Vertebrados anamniotas, tetrápodes, poiquilotermos, de respiração branquial durante a vida larvária e pulmonar, na fase adulta são:

répteis;

mamíferos;

anfíbios;

aves;

peixes.

V. Quais os afluentes da margem esquerda do rio Amazonas?

Primeiro é o sentimento de injustiça, vendo o processo de tortura inútil a que o próprio filho é submetido. Depois é o sentimento de inveja... “Meu filho entrou na medicina da USP, e o seu?” “O meu não passou. Terá que fazer o

cursinho de novo...” Dostoiévski, se minha memória não falha, comentando sua experiência de prisão, disse que havia imaginado uma maneira de enlouquecer os presos: bastava submetê-los ao trabalho forçado de esvaziar uma piscina levando a água em baldes para uma outra. Depois de cheia a segunda piscina, eles teriam de fazer a mesma coisa: esvaziá-la, para encher a primeira. Infinitamente. Fazer o cursinho de novo, a mesma coisa... É terrível ver o filho vivendo a maldição de Sísifo... Com o sorteio, o pai, ao ver que o filho ficou de fora mais uma vez, dá-lhe um abraço e diz: “Vamos tomar um chope?”.

Estou consciente da objeção que paira no ar: sem o terror dos vestibulares o ensino fundamental e médio se deterioraria, pois que o ensino seria apenas *pró-forma*, já que o aprendizado seria irrelevante para o ingresso nas universidades. Mas esse é um perigo facilmente evitado. O término do ensino médio seria marcado por um exame nacional, preparado e aplicado pelo Ministério da Educação. O objetivo desse exame seria verificar se os alunos haviam atingido o nível mínimo de aprendizagem exigido. Não seria classificatório. Haveria apenas os conceitos “aprovado” e “reprovado”. Todos os aprovados teriam atingido o patamar

de conhecimento julgado suficiente. Poderiam entrar no sorteio. Os outros, não. Tal exame seria, ao mesmo tempo, um instrumento para avaliar a qualidade de ensino nas escolas.

Já foi sugerido que, para se evitar o vestibular, o ingresso nas universidades deveria se basear no histórico escolar do aluno. Para mim seria um desastre. Eu não entraria. Como já confessei, fui mau aluno. E afirmo que, com honrosas exceções, os professores que tive não mereciam que eu aprendesse o que eles diziam estar ensinando. Currículos escolares de que escolas seriam dignos de crédito? De todas? E as burlas? Como impedir que escolas inescrupulosas oferecessem históricos escolares fajutos, com entrada garantida na universidade? Para evitar tal possibilidade, seria necessário criar um clube de escolas de elite, cujos históricos escolares seriam dignos de crédito. Somente os históricos escolares de alunos de tais escolas seriam aceitos. Mas escolas de elite são caras... Só os ricos poderiam pagar. Tal sistema produziria uma brutal discriminação contra os pobres, pior que aquela que atualmente existe. A emenda seria pior que o soneto...

Seduzindo para o prazer de ler

Nietzsche estava certo: “De manhã cedo, quando o dia nasce, quando tudo está nascendo – ler um livro é simplesmente algo depravado...”. É o que sinto ao andar pelos maravilhosos caminhos da Fazenda Santa Elisa, do Instituto Agronômico de Campinas. Procuro esquecer-me de tudo o que li nos livros. É preciso que a cabeça esteja vazia de pensamentos para que os olhos possam ver. Aprendi isso lendo Alberto Caeiro, especialista inigualável na difícil arte de ver. Dizia ele que “pensar é estar doente dos olhos...”. Mas meus esforços são frustrados. As coisas que vejo são como o beijo do príncipe: elas vão acordando os poemas que aprendi de cor e que agora estão adormecidos na minha memória. Assim, ao não pensar da visão une-se o não pensar da poesia. E penso que o meu mundo seria muito pobre se em mim não estivessem os livros que li e amei. Pois, se não sabe, somente as coisas amadas são

guardadas na memória poética, lugar da beleza. “Aquilo que a memória amou fica eterno”, tal como o disse Adélia Prado, amiga querida.

Os livros que amo não me deixam. Caminham comigo. Há os livros que moram na cabeça e vão se desgastando com o tempo. Esses, eu deixo em casa. Mas há os livros que moram no corpo. Esses são eternamente jovens. Como no amor, uma vez não chega. De novo, de novo, de novo...

Um amigo me telefonou. Tinha uma casa em Cabo Frio. Convidou-me. Gostei. Mas meu sorriso entortou quando ele disse: “Vão também cinco adolescentes...”. Adolescentes podem ser uma alegria. Mas podem ser também uma perturbação para o espírito. Assim, resolvi tomar minhas providências. Comprei uma arma de amansar adolescentes. Um livro. Uma versão condensada da *Odisseia*, as fantásticas viagens de Ulisses de volta a casa, por mares traiçoeiros...

Primeiro dia: praia; almoço; sono. Lá pelas cinco, os dorminhocos acordaram, sem ter o que fazer. E, antes que tivessem ideias próprias, eu tomei a iniciativa. Com voz autoritária dirigi-me a eles, ainda sob o efeito do torpor: “Ei, vocês... Venham cá na sala. Quero lhes mostrar uma

coisa...". Não consultei as bases. Teria sido terrível. Uma decisão democrática das bases optaria por ligar a televisão. Claro. Como poderiam decidir por uma coisa que ignoravam? Peguei o livro e comecei a leitura. Ao espanto inicial seguiu-se silêncio e atenção. Vi, pelos seus olhos, que já estavam sob o domínio do encantamento. Daí para a frente foi uma coisa só. Não me deixavam. Por onde quer que eu fosse, lá vinham eles com a *Odisseia* na mão, pedindo que eu lesse mais. Nem na praia me deram descanso.

Essa experiência me fez pensar que deve haver algo errado na afirmação que sempre se repete de que os adolescentes não gostam da leitura. Sei que, como regra, não gostam de ler. O que não é a mesma coisa que não gostar da leitura. Lembro-me da escola primária que frequentei. Havia uma aula de leitura. Era a aula que mais amávamos. A professora lia para que nós ouvíssemos. Leu todo o Monteiro Lobato. E leu aqueles livros que se liam naqueles tempos: *Heidi*, *Pollyanna*, *A ilha do tesouro*. Quando a aula terminava, era a tristeza. Mas o bom mesmo é que não havia provas ou avaliações. Era prazer puro. E estava certo. Porque esse é o objetivo da literatura: prazer.

O que os exames vestibulares tentam fazer é transformar a literatura em informações que podem ser armazenadas na cabeça. Mas o lugar da literatura não é a cabeça: é o coração. A literatura é feita com as palavras que desejam morar no corpo. Somente assim ela provoca as transformações alquímicas que deseja realizar. Se não concorda, que leia Guimarães Rosa que dizia que literatura é feitiçaria que se faz com o sangue do coração humano.

Quando minha filha estava sendo introduzida na literatura, o professor lhe deu como dever de casa ler e fichar um livro chatíssimo. Sofrimento dos adolescentes, sofrimento para os pais. A pura visão do livro provocava uma preguiça imensa, aquela preguiça que Barthes declarou ser essencial à experiência escolar. Escrevi carta delicada ao professor lembrando-lhe que Borges havia declarado que não havia razão para se ler um livro que não dá prazer quando há milhares de livros que dão prazer. Sugeri-lhe começar por algo mais próximo da condição emotiva dos jovens. Ele me respondeu com o discurso de esquerda, que sempre teve medo do prazer: “O meu objetivo é produzir a consciência crítica...”. Quando eu li isso, percebi que não havia esperança. O professor não

sabia o essencial. Não sabia que literatura não é para produzir consciência crítica.

O escritor não escreve com intenções didático-pedagógicas. Ele escreve para produzir prazer. Para fazer amor. Escrever e ler são formas de fazer amor. É por isso que os amores pobres em literatura ou são de vida curta, ou são de vida longa e tediosa... Parodiando as palavras de Jesus, “nem só de beijos e transas viverá o amor, mas de toda palavra que sai das mãos dos escritores...”.

É como ouvir música

Ela me olhou e disse: “Encontrei um lindo poema em Fernando Pessoa”. Fiquei contente porque gosto muito de Fernando Pessoa. Aí ela disse o primeiro verso. Fiquei mais contente ainda porque era um poema que eu conhecia. Ato contínuo ela abriu o livro e começou a ler. Epa! Senti-me mal. As palavras estavam certas. Mas ela tropeçava, parava onde não devia, não tinha ritmo e nem música. Não, aquilo não era Fernando Pessoa embora as palavras fossem suas. Senti o mesmo que já sentira em audições de alunos principiantes que, via de regra, são um sofrimento para os que ouvem, o maior desejo sendo que a música chegue ao fim e a aflição termine. Percebi, então, que a arte de ler é exatamente igual à arte de tocar piano – ou qualquer outro instrumento.

Como é que se aprende a gostar de piano? O gostar começa pelo ouvir. É preciso ouvir o piano bem tocado. Há

dois tipos de pianistas. Alguns, raros, como o Nelson Freire, já nascem com o piano dentro deles. Eles e o piano são uma coisa só. O piano é uma extensão dos seus corpos. Outros, a que dou o nome de “pianeiros”, são como eu, que me esforcei sem sucesso para ser pianista. (Consolo-me pensando que o mesmo aconteceu com Nietzsche. Atreveu-se, inclusive, a enviar algumas de suas composições ao famoso pianista Hans von Bülow que as devolveu com o conselho de que ele deveria se dedicar à filosofia.) Diferentes dos pianistas que nascem com o piano dentro do corpo, os pianeiros têm o piano do lado de fora. Esforçam-se para colocar o piano do lado de dentro, mas é inútil. As notas se aprendem. Mas isso não é o bastante. Os dedos esbarram, erram, tropeçam – e aquilo que deveria ser uma experiência de prazer se transforma numa experiência de sofrimento para quem ouve e para quem toca. Um pianista, quando toca, não pensa nas notas. A partitura já está dentro dele. Ele se encontra num estado de “possessão”. Nem pensa na técnica. A técnica ficou para trás, é um problema resolvido. Ele simplesmente “surfa” sobre as teclas, seguindo o movimento das ondas.

Pois é precisamente assim que se aprende o gosto pela leitura: ouvindo-se o artista – o que lê – interpretar o texto. Veja que não estou usando a palavra *interpretar* no sentido comum de dizer o que o autor queria dizer mas não conseguiu, coisa que se tenta fazer nas aulas de literatura. O que é que o autor queria dizer? Ele queria dizer o que disse. Se tivesse querido dizer uma outra coisa, ele teria escrito essa outra coisa. Estou usando interpretar no sentido artístico, teatral. O "intérprete" é o possuído. É ele que faz viver, seja a partitura musical silenciosa, seja o texto teatral ou poético, silencioso na imobilidade da escrita. Disse Shakespeare no ato II de *Hamlet*:

> Não é incrível que um ator, por uma simples ficção, um sonho apaixonado, amolde tanto a sua alma à imaginação que todo se lhe transfigura o semblante, por completo o rosto lhe empalideça, lágrimas vertam dos seus olhos, suas palavras tremam, e inteiro o seu organismo se acomode a essa mesma ficção?

Tenho a impressão de que se os jovens não gostam de ler, é porque não tiveram a experiência de ouvir a leitura

feita por um possuído.

Uma lembrança feliz que tenho do meu irmão Murilo, já encantado, era que ele lia para mim, menino, livros de aventura: *Os náufragos de Bornéu*, com um enorme gorila na capa; *O prisioneiro dos pampas*, com dois homens lutando à faca na capa. Isso aconteceu há 63 anos e não me esqueci. Ainda posso ouvir a sua voz possuída pela emoção. É a experiência de ouvir que nos faz querer dominar a técnica da leitura para poder penetrar na emoção do texto.

Há de se dominar a técnica da leitura da mesma forma como se domina a técnica do piano. Acontece que o domínio da técnica é cansativo e frequentemente aborrecido. Antigamente o aprendiz de piano tinha de gastar horas nos monótonos exercícios de mecanismo do Hanon. Mas mesmo os grandes pianistas que já dominaram os essenciais da técnica têm de gastar tempo e atenção debulhando as passagens complicadas que não podem ser pensadas ao ser tocadas. Todo pianista tem de dominar os estudos de Chopin, de dificuldades técnicas transcendentais, maravilhosos. Mas só têm paciência para suportar o aborrecido da técnica aqueles que foram fascinados pela

beleza da música. Estuda-se a técnica por amor à interpretação, que é o evento orgiástico de possessão.

Por isso eu tenho sugerido a escolas e prefeituras que promovam “concertos” de leitura para seduzir os ouvintes à beleza da leitura. Não custam nada. Uma única coisa é necessária: o artista, o intérprete... Um concerto de leitura poderia organizar-se assim: primeira parte, poemas da Adélia Prado. É impossível não gostar dela... Segunda parte, *O afogado mais bonito do mundo*, conto de Gabriel García Márquez. Terceira parte, haicais de Bashô. Acho que todo mundo gostaria e sairia decidido a dominar a arte da leitura.

Ler pouco

Jovem, eu sonhava ter uma grande biblioteca. E fui assim, pela vida, comprando os livros que podia. Tive de desenvolver métodos para controlar minha voracidade, porque o dinheiro e o tempo eram poucos. Entrava na livraria, separava todos os livros que desejava comprar e, ao me aproximar do caixa, colocava-os sobre o balcão e me perguntava diante de cada um: “Tenho necessidade imediata desse livro? Tenho outros, em casa, ainda não lidos? Posso esperar?”. E assim ia pegando cada um deles e devolvendo às prateleiras. A despeito desse método de controle, cheguei a ter uma biblioteca significativa, mais do que suficiente para as minhas necessidades.

Notei, à medida que envelhecia, uma mudança nas minhas preferências: passei a ter mais prazer na seção dos livros de arte nas livrarias. Os livros de ciência a gente lê uma vez, fica sabendo e não tem necessidade de ler de

novo. Com os livros de arte acontece diferente. Cada vez que os abrimos é um encantamento novo! Creio que meu amor pelos livros de arte tem a ver com experiências infantis. Talvez que os psicanalistas interpretem esse amor como uma manifestação neurótica de regressão. Não me incomodo. Pois, em oposição à psicanálise que considera a infância como um período de imaturidade que deve ser ultrapassado para que nos tornemos adultos, eu, inspirado por teólogos e poetas, considero a maturidade como uma doença a ser curada. Bem reza a Adélia Prado: “Meu Deus, me dá cinco anos, me cura de ser grande...”. E não pense que isso é maluquice de poeta. Peter Berger, um sociólogo inteligente e com senso de humor, definiu maturidade, essa qualidade tão valorizada, como “um estado de mente que se acomodou, ajustou-se ao *status quo* e abandonou os sonhos selvagens de aventura e realização...”. Menino de 5 anos, eu passava horas vendo um livro da minha mãe, cheio de figuras. Lembro-me: uma delas era um prédio de dez andares com a seguinte explicação: “Nos Estados Unidos há casas de dez andares”. E havia a figura de um caçador de jacarés, e de crianças esquimós saudando a chegada do sol.

O fato é que comecei a mudar os meus gostos e chegou um momento em que, olhando para aquelas estantes cheias de livros, eu me perguntei: “Já sou velho. Terei tempo de ler todos esses livros? Eu quero ler todos esses livros?”. Não, nem tenho tempo nem quero. Então, por que guardá-los? Resolvi dar os livros que eu não amava. Compreendi, então, que não se pode falar em amor pelos livros, em geral. Um homem que diz amar todas as mulheres na verdade não ama nenhuma. Nunca se apaixonará. O mesmo vale para os livros. Assim, fui aos meus livros com as perguntas: “Você me ama?”, (Acha que estou louco? É Roland Barthes que declara que o texto tem de dar provas de que me deseja. Há muitos livros que dão provas de que me odeiam. Outros me ignoram totalmente, nada querem de mim...), “Vou querer ler você de novo?”. Se as respostas eram negativas, o livro era separado para ser dado.

Essa coisa de “amor universal aos livros” fez-me lembrar um texto de Nietzsche sobre o filósofo Tales de Mileto, em que ele recorda que

> a palavra grega que designa o *sábio* se prende, etimologicamente, a *sapio*, “eu saboreio”, *sapiens*, “o

> degustador”, *sisyphos*, “o homem de gosto mais apurado”; um apurado degustar e distinguir, um significativo discernimento, constitui, pois, [...] a arte peculiar do filósofo. [...] A ciência, sem essa seleção, sem esse refinamento de gosto, precipita-se sobre tudo o que é possível saber, na cega avidez de querer conhecer a qualquer preço; enquanto o pensar filosófico está sempre no rastro das coisas dignas de serem sabidas...

E depois, no Zaratustra, ele comenta com ironia: “Mastigar e digerir tudo – essa é uma maneira suína”.

O fato é que muitos estudantes são obrigados a ler à maneira suína, mastigando e engolindo o que não desejam. Depois, é claro, vomitam tudo... Como eu já passei dessa fase, posso me entregar ao prazer de ler os livros à maneira canina. Nenhum cachorro abocanha a comida. Primeiro ele cheira. Se o nariz não disser “sim”, ele não come. Faço o mesmo com os livros. Primeiro cheiro. O que procuro? O cheiro do escritor. Se não tem cheiro humano, não como. Nietzsche também cheirava primeiro. Dizia só amar os livros escritos com sangue.

Ler é um ritual antropofágico. Sabia disso Murilo Mendes quando escreveu: “No tempo em que eu não era antropófago, isto é, no tempo em que eu não devorava livros – e os livros não são homens, não contêm a substância, o próprio sangue do homem?”. A antropofagia não se fazia por razões alimentares. Fazia-se por razões mágicas. Quem come a carne do sacrificado se apropria das virtudes que moravam no seu corpo. Como na eucaristia cristã, que é um ritual antropofágico: “Esse pão é a minha carne, esse vinho é o meu sangue...”. Cada livro é um sacramento. Cada leitura é um ritual mágico. Quem lê um livro escrito com sangue corre o risco de ficar parecido com o escritor. Já aconteceu comigo...

O país dos chapéus

Vivia num país de céu cor de anil um rei que muito amava o seu povo. Queria que o seu povo fosse feliz. Mas o seu povo não era feliz. Não era feliz porque não era inteligente. A prova de que não era inteligente estava no fato de que aquele povo não sabia e não gostava de ler. O rei passava seus dias e noites pensando: “Que fazer para que meu povo seja inteligente?”. E, como ele não sabia o que fazer para que seu povo ficasse inteligente, o rei ficou triste.

Viviam naquele país dois espertalhões, por profissão chapeleiros. Ficaram sabendo das razões da tristeza do rei. E maquinaram um plano para ganhar dinheiro às custas da tristeza do rei. Dirigiram-se ao palácio e se anunciaram:

— Fizemos doutoramentos no exterior sobre a arte de tornar o povo inteligente.

O rei ficou felicíssimo.

— Por favor, expliquem-me essa ciência — ele lhes disse.

— Majestade, o que é que torna uma pessoa inteligente?

Com essa pergunta, abriram um álbum de fotografias.

— Veja essas fotografias. Estão aqui as pessoas mais inteligentes da história. Em primeiro lugar Merlin, o maior dos magos. Note que ele tem um chapéu de feiticeiro na cabeça.

Viraram a página e lá estavam as fotos dos doutores de Oxford e Harvard. Todos eles de chapéu na cabeça, penduricalho pendurado ao lado.

— Veja agora — disseram eles ao virar mais uma página — o maior general de todos os tempos, Napoleão Bonaparte. Sabe Vossa Excelência a razão por que ele perdeu a batalha de Waterloo? Um espião inglês infiltrado lhe roubou o chapéu. Sem chapéu ele não pôde competir com Wellington, que usava chapéu. E veja agora os grandes gênios da humanidade: Sigmund Freud, Winston Churchill, Santos Dumont, todos com chapéus na cabeça. Os chapéus dão inteligência. Propomos, então, um programa nacional: “Chapéus para todos”. Por pura coincidência somos chapeleiros e teremos prazer em ajudá-lo na sua cruzada contra a burrice. Montaremos muitas fábricas de chapéus e muitas lojas de chapéus. Todos poderão usar chapéus desde

que, é claro, o governo ofereça bolsas aos pobres “deschapelados”.

O rei ficou entusiasmadíssimo e lançou a campanha democrática: “Chapéus para todos”. Os *outdoors* se encheram de *slogans*: “É preciso usar chapéu para ter um bom emprego”, “Prepare-se para o mercado de trabalho: use um chapéu”, “Garanta um futuro para o seu filho: dê-lhe um chapéu!”.

Os pais, que queriam que seus filhos fossem inteligentes, faziam os maiores sacrifícios para lhes comprar chapéus. Havia festas para a cerimônia da “entrega dos chapéus”. Perante um auditório lotado, anunciava-se o nome do jovem, o público explodia em palmas, ele se dirigia à mesa dos enchapelados e lá lhe era colocado um chapéu na cabeça. Os pais diziam então, aliviados: “Cumprimos a nossa missão. Nosso filho tem um chapéu. Seu futuro está garantido. Podemos morrer em paz”.

A indústria chapeleira progrediu. Até as cidades mais pobres anunciavam com orgulho: “Também temos uma fábrica de chapéus....”.

Agências internacionais, sabedoras da campanha “chapéus para todos”, trataram de medir os resultados

dessa técnica pedagógica. Fizeram pesquisas para avaliar o efeito dos chapéus sobre os hábitos de leitura do povo. Mas o resultado da pesquisa foi desapontador. O número de chapéus na cabeça não era proporcional ao número de livros lidos. O rei ficou bravo. Mandou chamar os chapeleiros e pediu-lhes explicações.

— Senhores, o povo continua burro. O povo não lê...

Os espertalhões não se apertaram.

— Majestade, é que ainda não entramos na segunda fase do programa. Um chapéu não basta. É apenas preliminar. Sobre o chapéu preliminar, as pessoas terão de usar um outro chapéu, amarelo, um pós-chapéu.

O rei acreditou. Tomou as providências para que todos pudessem ter pós-chapéus amarelos. Daí para frente, quem só usava o chapéu preliminar não valia nada. Para conseguir um emprego, era necessário se apresentar usando os dois chapéus: o preliminar e o pós, amarelo.

Mas nem assim o povo aprendeu a ler. O resultado das pesquisas internacionais continuou o mesmo: o povo continuava a não gostar de ler. Aí os espertalhões explicaram ao rei que faltava o chapéu que realmente importava: o chapéu vermelho. Era preciso, então, usar o

chapéu preliminar, sobre ele o pós amarelo e, sobre o pós amarelo, o pós vermelho.

Aquele país ficou conhecido como o país dos chapéus. Todo mundo tinha chapéu, inclusive os pobres. Os resultados da última pesquisa internacional sobre os hábitos de leitura do povo do país dos enchapelados ainda não foram anunciados. Assim, ainda não se sabe sobre o efeito do chapéu pós vermelho sobre os hábitos alimentares da inteligência do povo. Mas uma coisa já é bem sabida: de todos, os mais inteligentes são os chapeleiros...

P.S.: É o que eu penso da ideia de “universidade para todos”.

Salvem-se enquanto é tempo!

Vou confessar um pecado: às vezes faço maldades. Mas não faço por maldade. Faço o que faziam os mestres zen com seus *koans*. *Koans* eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, cabeças raspadas, caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de haverem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!”. Aí o sinal fica verde e eu continuo.

“Mas que desmancha-prazeres você é!”, você me dirá. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave de mundo. Acabaram de chegar ao último patamar. As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos: nas culturas ditas primitivas, as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim com os nossos jovens. Agora podem dizer: “Deixei o cursinho. Estou na universidade”.

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos a morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava – isso garantiria o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava diploma de normalista – isso garantiria o seu sustento caso não se

casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.

O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, como os mecânicos, pedreiros, carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas. E, para provarem para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr anel no dedo, com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros.

Até os bispos tinham suas pedras. (Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho ou entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo –, ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se então a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades. Quando se pergunta a um jovem “o que é que você vai fazer?”, o sentido dessa

pergunta é: “Quando você for preencher os formulários de vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?”. E as opções não oferecidas? Haverá outras alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade, como (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades estaduais, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, juntamente com o curso “nobre” que cursam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricista, encanador,

descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que nas escolas as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

Tive um amigo professor que foi guindado, contra a vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois encontrei um amigo comum e perguntei: “Como vai o Fulano?”. Respondeu-me: “Felicíssimo. É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!”.

Bosques sombrios e lanternas...

Não se pode ensinar as delícias do amor com aulas de anatomia e fisiologia dos órgãos sexuais. Se assim fosse, o livro *Cântico dos Cânticos*, das Sagradas Escrituras, nunca teria sido escrito. Não se pode ensinar o prazer da leitura com aulas sobre as ciências da linguagem. O conhecimento da gramática e das ciências da interpretação não fazem poetas. Noel Rosa sabia disso e cantou: “Samba não se aprende no colégio...”.

Tomei o livro de poemas de Robert Frost e li um dos seus mais famosos poemas.

Os bosques são belos, sombrios, fundos.

Mas há muitas milhas a andar e muitas promessas a guardar

antes de se poder dormir,

Sim, antes de se poder dormir.

Li vagarosamente. Porque cada poema tem um andamento que lhe é próprio. Como na música. Se o primeiro movimento da “Sonata ao luar”, de Beethoven, que todos já ouviram e desejam ouvir de novo, *adagio sostenuto*, fosse tocado como *presto*, rapidamente – exatamente as mesmas notas! –, a sua beleza se iria. Ficaria ridículo. Porque o *presto* é incompatível com aquilo que o primeiro movimento está dizendo. O tempo de uma peça musical pertence à sua própria essência. Eu até já sugeri que os escritores imitassem os compositores que, como medida protetora da beleza, colocam, ao início de uma peça, uma informação sobre o “tempo” em que ela deve ser tocada: *grave*, *andante*, *vivace*, *maestoso*, *allegro*. Cada texto literário tem também o seu próprio tempo. Há textos que devem ser lidos ao ritmo de uma criança pulando corda e dando risadas. Como o poema da Cecília, “Leilão de jardim”:

Quem me compra um jardim com flores?
Borboletas de muitas cores,
lavadeiras e passarinhos,
ovos verdes e azuis nos ninhos?

O poema inteiro é marcado por essa alegria infantil, saltitante. Quando se passa para a sua “Elegia”, escrita para a sua avó morta, o clima é outro. Há uma tristeza profunda. Há de se ler lentamente, com sofrimento:

Minha primeira lágrima caiu dentro dos teus olhos.

Tive medo de a enxugar: para não saberes que havia caído.

Li vagarosamente. O poema pede para ser lido vagarosamente. Terminada a leitura, não me atrevi a dizer nada. É preciso que haja silêncio. A música só existe sobre um fundo de silêncio. É no silêncio que a beleza coloca os seus ovos. É no silêncio que as palavras são chocadas. É no silêncio que se ouve aquela outra voz mencionada por Fernando Pessoa, voz habitante dos interstícios das palavras do poeta. (Por isso fico profundamente irritado quando alguém fala enquanto a música é tocada. É como se estivesse a ver uma partida de futebol enquanto se faz amor...) Passados alguns momentos de silêncio (como o silêncio que existe entre os dois movimentos de uma sonata), pus-me a ler o mesmo poema de novo, com a

mesma música. E aí, então, no silêncio que se seguiu à segunda leitura, ouvi um soluço no fundo da sala. Uma jovem chorava. Jamais me passaria pela cabeça que ela estivesse chorando por causa do poema. Embora ele me comova muito, minha comoção nunca chegou ao choro. Pensei que se tratasse de um sofrimento de sua vida privada. Diante de um soluço tudo para. Agora o que importava não era o poema, era aquele soluço. “Que aconteceu?”, perguntei. “Não sei, professor. Esse poema me deu uma tristeza imensa.” Eu quis entender: “Mas o que, no poema, lhe deu tristeza?”. “Não sei, professor. Só sei que esse poema me faz chorar...” Lembrei-me de Fernando Pessoa: “...e a melodia que não havia, se agora a lembro, faz-me chorar”. Grande mistério esse: é o que não há que provoca o choro. Como disse Valéry, vivemos pelo poder das coisas que não existem. Por isso os deuses são tão poderosos... (Essa jovem, que assim me marcou de forma inesquecível, pouco tempo depois morreu num desastre de carro. Espero que ela, no outro mundo, tenha visitado os bosques “belos, sombrios e fundos” de Robert Frost.)

Houve beleza e mistério porque eu não me meti a interpretar o poema. E, no entanto, a interpretação de

textos parece ser uma das obsessões dos programas escolares. Se o meu propósito fosse interpretar o poema de Frost, para aproveitar o tempo, eu o teria lido um pouco mais depressa, teria desprezado o silêncio e não teria repetido a leitura. Essas coisas nada têm a ver com a interpretação. A interpretação acontece a partir daquilo que está escrito, se devagar ou depressa não importa. Minha primeira pergunta teria sido: “O que é que Robert Frost queria dizer?”. Toda interpretação começa com essa pergunta. É a pergunta que surge numa zona de obscuridade: há sombras no texto. O intérprete é um ser luminoso. Não suporta sombras. Ele traz então suas lanternas, suas ideias claras e distintas, e trata de iluminar os bosques sombrios... Não percebe que, ao tentar iluminar os bosques, deles fogem as criaturas encantadas que habitam as sombras. Esquece-se do que disse Bachelard: “Parece que existem em nós cantos sombrios que toleram apenas uma luz bruxuleante...”. O inconsciente é um bosque sombrio...

Sobre ciência e sapiência

Muitas pessoas não gostam do que escrevo. Dizem que o que eu faço não é ciência; é literatura. É verdade. Faz tempo que me mudei da caixa de ferramentas para a caixa de brinquedos. O que me aborrece é que esses que não gostam do que escrevo pensam que somente a ciência tem dignidade acadêmica. Houve mesmo o caso de uma candidata ao mestrado que teve seu projeto recusado por me citar demais e por propor um assunto que não era científico. Psicóloga e pedagoga, ela sabia por experiência própria do poder do olhar.

Há tantos olhares diferentes! Há o olhar de desprezo, de admiração, de ternura, de ódio, de vergonha, de alegria... A mãe encosta o filhinho na parede e, a um metro de distância, lhe estende os braços e diz sorrindo: “Vem”. Encorajada pelo olhar, a criança, que ainda não sabe andar, dá seus primeiros passos. Há olhares que dão coragem. E há

olhares que destroem. Aquele olhar terrível da professora que olha para a criança de um certo jeito, sem nada dizer. Mas a criança entende o que o seu olhar está dizendo: “Como você é burra...”. Há olhares que emburrecem. Voltando à metáfora do pênis, há olhares que o tornam impotente, tanto no sentido literal quanto no sentido metafórico. Acho que era isso que a Adélia tinha em mente quando escreveu maliciosamente: “E o meu lábio zombeteiro faz a lança dele refluir...”.

O olhar é real. É real porque produz efeitos reais. O olho é também real. Sobre ele se pode ter conhecimento científico. Há uma ciência dos olhos. Há uma especialidade médica que se dedica a eles: a oftalmologia. Mas, por mais que procuremos nos tratados de oftalmologia referências ao olhar, não encontraremos nada. O olhar não é objeto de conhecimento científico. Nem tudo o que é real pode ser pescado com as redes metodológicas da ciência. Há objetos que escapam pelos buracos de suas malhas. Será possível fazer uma ciência dos olhares? Tratá-los estatisticamente? Não tem jeito. Aí a proposta de uma tese sobre o olhar foi rejeitada sob a justa alegação de que não era científica. E não era mesmo. Mas o fato é que os olhares são reais! O

estudo dos olhos é tarefa da ciência. E por isso eu sou agradecido. Neste momento estou usando óculos para escrever. Sem eles eu só veria borrões. Mas eu me dedico ao olhar, para que meus olhos sejam sábios. O olhar é uma música que os olhos tocam. Coisa de poeta... São os poetas que falam sobre os olhares. (Eu escrevi: “são os poetas que sabem sobre os olhares” – mas logo corrigi. Todo mundo sabe sobre os olhares. Todo mundo observa atentamente os olhares porque são eles, e não os globos oculares, que sinalizam a vida e especialmente o amor... Mas só os poetas sabem falar sobre eles.)

Escrevo para mudar olhares. Isso não é ciência. É arte. Há olhos perfeitos que são armas mortíferas. Jesus se referiu a esses olhos e sugeriu que deveriam ser arrancados. Os olhos, eles mesmos, são estúpidos. Eles não têm o poder para discriminar as coisas dignas de serem vistas das coisas não dignas de serem vistas. Para eles tanto faz ver um programa idiota de televisão quanto uma tela de Vermeer. A capacidade de discriminar não pertence aos olhos. Pertence ao olhar. Mas isso exige uma luz interior.

Se os olhos não serviram como metáforas, falarei sobre pianos. Mais precisamente, sobre os pianos Steinway, os

mais perfeitos, que estão nas grandes salas de concerto do mundo. Os pianos Steinway são produzidos de forma absolutamente rigorosa e científica. Tudo neles tem de ter a medida exata. Todos têm de ser absolutamente iguais, para que o pianista não estranhe. Mas um piano, em si mesmo, é estúpido. Falta-lhe o poder de discriminação. Os pianos obedecem tanto a um toque de macaco, como ao de um louco ou ao do Nelson Freire. Os pianos não são fins em si mesmos. São ferramentas. São construídos para tornar possível a beleza da música. Mas a beleza não é um objeto de conhecimento científico. Ninguém pode ser convencido a gostar de Bach por meio de raciocínios científicos. Não me consta que nenhum dos especialistas em construção de pianos da fábrica Steinway jamais tenha dado um concerto. Ciência eles têm. Mas falta-lhes a arte. Para que o piano produza beleza, há os pianistas. Mas os pianistas nada sabem sobre a ciência da construção dos pianos. O que eles sabem é tocar piano, coisa que não é científica... Os fabricantes de piano moram na caixa de ferramentas. Os pianistas moram na caixa de brinquedos.

A diferença está entre *ciência* e *sapiência*. Os teólogos medievais diziam que a ciência era uma serva da teologia.

Parodiando, eu digo que a ciência é uma serva da sapiência. A ciência é fogo que aumenta o poder dos homens sobre o mundo. A sapiência usa o fogo da ciência para transformar o mundo em comida, objeto de deleite. Sábio é aquele que degusta. Mas, se o cozinheiro só conhecer os saberes que moram na caixa de ferramentas, é possível que o excesso de fogo queime a comida e, eventualmente, o próprio cozinheiro...

Caminhos possíveis

Uma anedota se faz assim: constrói-se uma trama de expectativas que levam o ouvinte a esperar um certo final, mas, de repente, numa rasteira rápida, a narrativa termina com um final totalmente inesperado... mas lógico. Tem de ser lógico. Se não for lógico, não tem graça. E tem de ser inesperado. Se não for inesperado, também não tem graça. Quer destruir o riso? Comece a piada contando o fim... É nesse final inesperado que o riso explode, quando a realidade, por meio de um salto, subverte a expectativa. Por que rimos com o final da anedota? Talvez porque a anedota nos revele algo sobre a própria estrutura da realidade. Rimos por sentir que a realidade é mais rica e divertida que nossas projeções científicas a seu respeito. Aconteceu na minha vida. Se minhas projeções para a minha vida tivessem se cumprido, eu seria hoje, talvez, um engenheiro ou um médico. Sou o que sou porque tudo o que planejei

deu errado. Jamais passou pelos meus planos que um dia eu seria um escritor.

A vida me ensinou que a realidade é como uma piada e que não existe nada mais inútil que nossas projeções futurológicas: o final é sempre inesperado... Daí a tolice das profecias.

Assim, sinto-me andando em areia movediça ao tentar imaginar como será a escola e a educação daqui a vinte e cinco anos. Mas a pergunta me foi feita, e eu tenho de imaginar um final... sem graça. Vou, assim, simplesmente indicar algumas das tendências que percebo no presente e imaginar qual poderia ser o seu desenvolvimento no futuro.

Em primeiro lugar há as instituições de ensino que se enquadrariam no modelo a que poderíamos dar o nome de “escola tradicional”. As escolas tradicionais têm sido, por séculos, o modelo dominante de escola no mundo ocidental. Eu frequentei uma escola tradicional porque na minha infância e juventude não havia outras, embora não seja certo dizer que foi numa escola tradicional que estudei. Eu estudei muito por minha conta, perseguindo meus próprios interesses.

A escola tradicional se caracteriza por ser baseada em “programas” em que os saberes, organizados numa determinada ordem, são estabelecidos por autoridades burocráticas superiores. Os professores são aqueles que sabem o programa e o ensinam. Os alunos são aqueles que não sabem e aprendem. Os professores são ativos, os alunos são passivos. A grande preocupação burocrática e funcional dos professores é “dar o programa”. Os alunos são agrupados em turmas independentes que não se comunicam umas com as outras, e a atividade de pensar é fragmentada em unidades de tempo chamadas “aulas”, que também não se relacionam umas com as outras. Para que as atividades de aprendizagem se deem de maneira uniforme e possam ser mais facilmente avaliadas, empregam-se “livros-textos”. A aprendizagem é avaliada numericamente por meio de testes e provas nos quais os professores fazem as perguntas e os alunos dão as respostas. Todas as instituições são resistentes às mudanças. As escolas tradicionais, instituições, são extremamente resistentes a mudanças, superando mesmo a instituição do casamento. Muitas das escolas tradicionais são estatais. As instituições estatais, por garantirem um

emprego vitalício, retiram do trabalho os desafios que as impulsionariam na direção de mudanças e favorecem o imobilismo. “É a necessidade que faz o sapo pular.” A segurança põe a inteligência a dormir. Por força da lei elas detêm o monopólio do poder de “certificar” o conhecimento. Conhecimento real sem o devido “certificado” da escola tradicional é como se não existisse. O que obriga os pretendentes ao trabalho a se submeterem às suas regras posto que, numa enorme variedade de situações, o que se exige não é conhecimento real, mas o “certificado” oficial de conhecimento. Prevejo que daqui a vinte e cinco anos essas escolas estarão do mesmo jeito, talvez pintadas com cores mais alegres.

Mas, de repente, os saberes começaram a pulular fora dos limites oficiais do saber definidos pela escola tradicional. Circulam livres no ar, sem depender de turmas, salas, aulas, programas, professores, livros-textos, dotados do poder divino de onipresença: o “aprendiz” aperta um botão e viaja instantaneamente pelo espaço. O “aprendiz” se descobre diante de um mundo imenso onde não há caminhos predeterminados por autoridades exteriores. É o seu desejo que dá as ordens. Viaja ao sabor da sua

curiosidade, quer explorar, experimenta a surpresa, o inesperado, a possibilidade de comunicação com outros aprendizes companheiros de viagem. Mas o fato é que ele se encontra diante de uma tela de computador. O que ali aparece não é a realidade onde a vida acontece. É um mundo virtual, de símbolos. Trata-se apenas de um “meio”. E é somente isso, essa alienação da realidade vital, que torna possível a sua imensidão potencialmente infinita. Mas, como disse McLuhan, “o meio” – fascinante! – “é a mensagem”. E a “massagem”... Há o perigo de que os “fins”, a vida, sejam trocados pelo fascínio dos meios – mais seguros e mais extensos. Não se pode comparar a imensidão dos meios que assim se abre, via internet, com a experiência pequena e localizada onde a vida acontece. Fascinante essa nova escola, não é preciso ser profeta para prever que ela irá se expandir além daquilo que podemos imaginar. Mas é preciso perguntar: qual o sentido desses meios para os milhões de pobres que não têm o que comer? Serão deixados à margem da educação? E a possibilidade de se trocar o “real” pelo “virtual”? Meio ambiente é coisa real, não virtual.

Há, finalmente, um extraordinário florescimento de experimentos educacionais alternativos centralizados no aluno e no mundo real em que ele vive. Por oposição ao conhecimento virtual, essas experiências de aprendizagem se constroem a partir dos problemas vitais com que os alunos se defrontam no seu cotidiano, no seu lugar. Não há programas universais definidos por uma burocracia ausente porque a vida não é programável. E não existe a possibilidade de alienação porque os desafios partem da vida, em toda a sua diversidade e imprevisibilidade.

Os problemas das crianças nas praias de Alagoas, nas favelas do Rio, nas matas da Amazônia, nas montanhas de Minas, não são os mesmos. O que esses experimentos educacionais buscam, além dos saberes que porventura venham a ser aprendidos, é o desenvolvimento da capacidade de ver, de se maravilhar diante do mundo, de fazer perguntas e de pensar – sem medo de errar... Tenho a esperança de que esses experimentos continuem a pipocar, porque é neles que o meu coração se sente mais feliz e esperançoso.

À Dona Clotilde, modesta professora...

Na crônica “Aprendo porque amo”, sugeri que a pedagogia que se sabe antes de se estudar pedagogia (há uma pedagogia que nasce com a gente, sem estudos. Daniel Pennac, no seu livro *Como um romance*, escreveu esta frase deliciosa: “Que espantosos pedagogos nós éramos, quando não nos preocupávamos com a pedagogia!”) se vale de artifícios nada científicos, artifícios amorosos, poéticos e mágicos para realizar os seus intentos. O assunto era como as relações de aprendizagem e ensino se dão através das pontes poéticas que o amor constrói. Uma dessas pontes tem o nome de *metáfora*, que faz ligações entre coisas parecidas. No filme *O carteiro e o poeta*, o carteiro diz que ele se sentia como um “barco batido pelas ondas”. Essa metáfora ligou sua alma a um barco. Quem visse um barco batido pelas ondas estava vendo a alma do carteiro.

Metonímia é quando uma imagem nos conduz a outra por relações de proximidade. Tenho um peso de papel sem valor que o meu pai me deu. É claro que ele não se parece com o meu pai. Não é metáfora. Mas foi objeto do meu pai. Ficava na sua mesa de trabalho. Por isso, porque o peso de papel e o meu pai estiveram juntos, o peso de papel me faz lembrar o meu pai.

Na dita crônica eu me referia ao poder pedagógico das metonímias. Para ilustrar o meu ponto, relatei uma experiência infantil, quando estava no primeiro ano do Grupo Escolar Brasil, na cidade de Varginha. Era o ano de 1942. Minha professora era a dona Clotilde.

> Pois a dona Clotilde fazia o seguinte: assentava-se numa cadeira bem no meio da sala, num lugar onde todos a veriam – acho que fazia de propósito, por maldade –, desabotoava a blusa até o estômago...

ante nossos olhares assustados. Ela não se dava conta do nosso susto porque aquilo que ela estava fazendo era-lhe perfeitamente natural...

enfiava a mão dentro dela e puxava para fora um seio lindo, liso, branco, aquele mamilo atrevido... E nós, meninos, de boca aberta...

Mas essa visão paradisíaca só durava alguns segundos.

Ela logo pegava o nenezinho e o punha para mamar.

Isso era normal, era o que toda mãe casta fazia.

E lá ficávamos nós, sentindo coisas estranhas que não entendíamos: o corpo sabe coisas que a cabeça não sabe. Terminada a aula, os meninos faziam fila junto à dona Clotilde, pedindo para carregar a pasta. Quem recebia a pasta era um felizardo, invejado.

Mas a pasta não era pasta. A pasta era uma metonímia do objeto desejado, proibido, o seio da dona Clotilde... O que me levou a inventar um ditado que ninguém conhece: “Quem não tem seio carrega pasta...” Traduzida para a pedagogia, essa metonímia significa que, com frequência, os alunos são capazes de aprender coisas difíceis (carregar

a pasta) em virtude da admiração que sentem pelo professor.

Pois a rasteira de risos que me desviou dos meus propósitos aconteceu na cidade de Cambuquira, em Minas, bem pequena, bem cheia de matas, lugar de tucanos, de águas minerais, lugar de hotéis luxuosos abandonados, fósseis de um tempo de riqueza, onde o tempo escorre preguiçoso... Tinha ido lá para fazer uma fala. Contei o caso da dona Clotilde. Todo mundo riu. Todo mundo aprendeu. O riso faz bem à inteligência. Aí aconteceu a surpresa alegre: contaram-me que a dona Clotilde está viva, aos 92 anos. Estar vivo aos 92 anos é espanto, coisa rara. Mas pasme! Ela, aos 90 anos, defendeu tese de mestrado! E sua cabeça está mais lúcida do que nunca, cheia de indagações metafísicas... Que alegria!

Há muitos anos escrevi sobre um japonês que fez vestibular para medicina aos 70 anos. Explicando a razão por que fazia o vestibular aos 70 anos (parece inútil, coisa de velho que perdeu o senso da realidade...), ele disse: “Desde menino eu quis estudar medicina. Quando era moço, não me foi possível porque eu tinha de cuidar dos meus pais. Quando me tornei adulto, não me foi possível

porque tinha de cuidar dos meus filhos. Agora, velho, meus pais mortos, meus filhos criados, posso finalmente realizar o meu sonho de menino...".

Os seres humanos são assombrosos! Mas o japonês, comparado com a dona Clotilde, não passa de um menino! Os jornais dedicam espaço a jogadores de futebol, a aficionados de rinhas de galos, a políticos corruptos e personalidades da "society"... Pois eu acho que a dona Clotilde merece muito mais ser notícia. A dona Clotilde, mãe comum, modesta professora do interior, produz assombro, sorrisos e esperança...

Leia também:



Coletânea de três outros livros de Rubem Alves, todos inspirados na poesia do inglês William Blake, *A eternidade numa hora* reúne crônicas que permitirão ao leitor o mais profundo contato com o que a prosa desse grande escritor brasileiro revela.

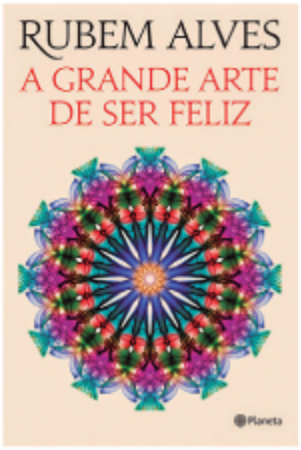
Com *Um mundo num grão de areia*, *O céu numa flor silvestre* e *O infinito na palma da sua mão* reunidos em uma única edição, será possível compreender o quão sublime e

magnífico é o mundo, a riqueza e infinitude do universo humano e toda a beleza divina – manifestada nas artes, na natureza e nas descobertas humanas. Estes são os temas das crônicas aqui reunidas.

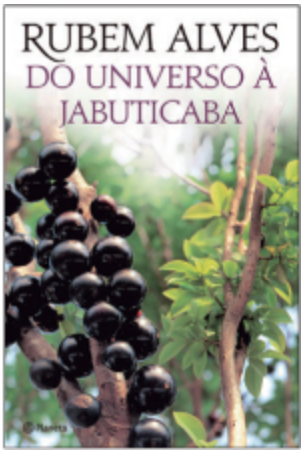
Tocar o infinito, viajar pelo mundo irrevelado que habita cada ser humano como um minúsculo grão de areia e contemplar a beleza que as palavras de Rubem Alves capturam. Seu olhar certamente estará transformado ao final da leitura deste livro.

LEIA TAMBÉM:


RUBEM ALVES
A ETERNIDADE NUMA HORA
Planeta


RUBEM ALVES
A GRANDE ARTE DE SER FELIZ
Planeta


RUBEM ALVES
CANTOS DO PÁSSARO ENCANTADO
SOBRE O NASCIMENTO, A MORTE E A RESSURREIÇÃO DO AMOR
Planeta

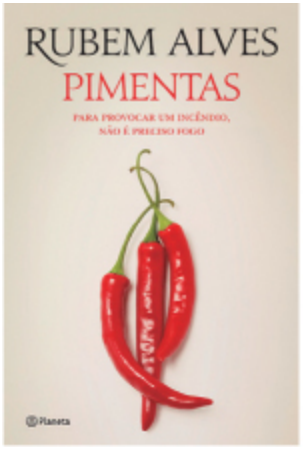

RUBEM ALVES
DO UNIVERSO À JABUTICABA


RUBEM ALVES
O SAPO QUE QUERIA SER PRÍNCIPE
ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE
Planeta


RUBEM ALVES
O VELHO QUE ACORDOU MENINO
Planeta


RUBEM ALVES
OSTRA FELIZ
NÃO FAZ PÉROLA
Planeta


RUBEM ALVES
PERGUNTARAM-ME
SE ACREDITO
EM DEUS
Planeta


RUBEM ALVES
PIMENTAS
PARA PROVOCAR UM INCÊNDIO,
NÃO É PRECISO FOGO
Planeta


RUBEM ALVES
VARIAÇÕES
SOBRE O
PRAZER
Planeta



Arquivo pessoal

RUBEM ALVES

Pedagogo, poeta, contador de histórias, ensaísta, teólogo, acadêmico e psicanalista, Rubem Alves, falecido em julho de 2014, deixou como autor um extenso legado literário. Seus textos, que vão desde meditações teológicas até estórias infantis, passando por reflexões sobre pedagogia, psicanálise e comportamento atingem milhares de leitores. Era membro da Academia Campinense de Letras, professor emérito da Unicamp e cidadão honorário de Campinas. Seu livro *Ostra feliz não faz pérola*, também publicado pela Planeta, conquistou o 2º lugar na categoria contos e crônicas no Jabuti 2009, quando o escritor recebeu a medalha Carlos Gomes de contribuição à cultura. Pela mesma editora publicou mais de 10 títulos.

PlanetaLivrosBR
planetadelivrosbrasil
PlanetadeLivrosBrasil
planetadelivros.com.br

1 “Ver um mundo num grão de areia/e um céu numa flor silvestre,/ter o infinito na palma da sua mão/e a eternidade em uma hora.” O poema de William Blake foi um dos textos mais amados por Rubem Alves e está muito presente em suas crônicas.

RUBEM ALVES

A EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS

“Nossos sentidos – visão, audição, olfato, tato, gosto – são todos órgãos de fazer amor com o mundo, de ter prazer nele.”

E qual seria a tarefa primordial da educação senão levar-nos a aprender a amar, a sonhar, a fazer nossos próprios caminhos, a descobrir novas formas de ver, de ouvir, de sentir, de perceber, a ousar pensar diferente... a sermos cada vez mais nós mesmos, aceitando o desafio do novo?

Essa é a filosofia de Rubem Alves, escritor poeta que, recorrendo a imagens surpreendentes e significativas, nos presenteia com este inspirado livro, *A educação dos sentidos*. Lendo-o, podemos mergulhar não só nas reflexões em torno dos sentidos, mas também da leitura, da arte, da educação, do ensino, do vestibular, da brincadeira criativa, dos desafios que a vida nos apresenta. E podemos experimentar a alegria que brota das novas descobertas.

Comovente, terno, espirituoso, poético, belo, crítico, desafiador, este clássico de Rubem Alves surpreende por sua leveza e, ao mesmo tempo, profundidade, o que só vem enriquecer o leitor.

Planeta